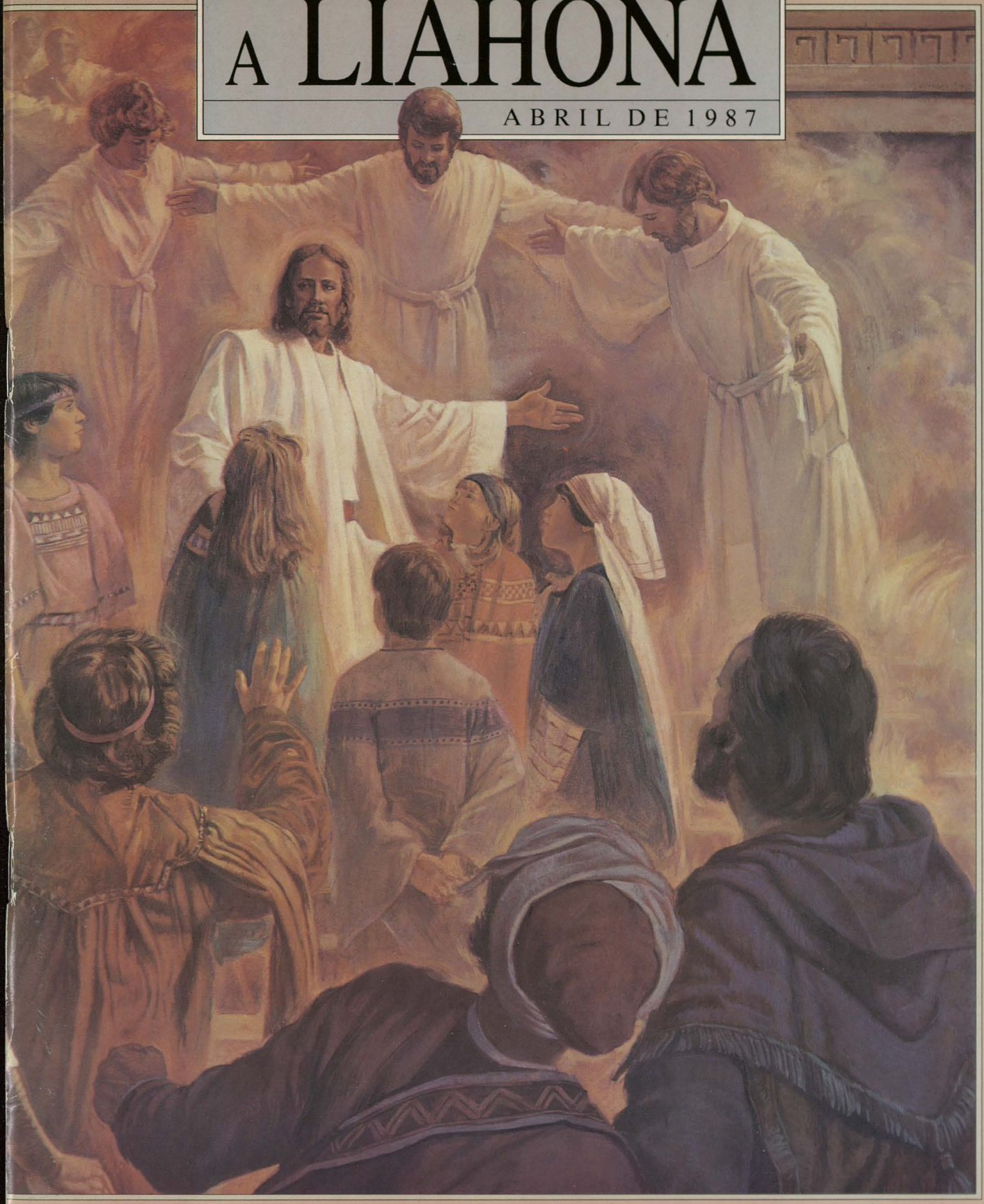
A LIAHONA

ABRIL DE 1987



A LIAHONA

Abril 1987 Volume 40 nº 4
PBMA0562PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Conselho dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Conselho de Supervisão: Carlos E. Asay, Rex D. Pinegar, George P. Lee, James M. Paramore, Derek A. Cuthbert

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados: David Mitchell, Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Direção de Artes e Desenhistas:
N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "Cristo Ressurrecto Abençoa as Criancinhas Nefitas, 3 Néfi 17:21-25." *por Robert Barrett.*

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 120,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 10,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "O CAMPO ESTÁ BRANCO"
Presidente Gordon B. Hinckley

8. O ESPÍRITO PRECISOU ENSINAR-ME
Isabelle L. Cluff

10. ROSA DE TINTI
Don L. Searle

13. A TERRA DE JESUS
David H. Garner

18. MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

19. HOWARD W. HUNTER
Don L. Searle

25. FÉ PARA OBEDECER
Sandra Stallings

28. ASSOMBRO ME CAUSA
Jeffrey R. Holland

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

35. O BISPO
Bispo Robert D. Hales

40. CRESCENDO EM DIREÇÃO AO BEM
Richard G. Ellsworth

46. SIM, SOU MÓRMON
David K. Skidmore

48. BEM ESTÁ, SERVO BOM E FIEL
Esnil Acosta

SEÇÃO INFANTIL

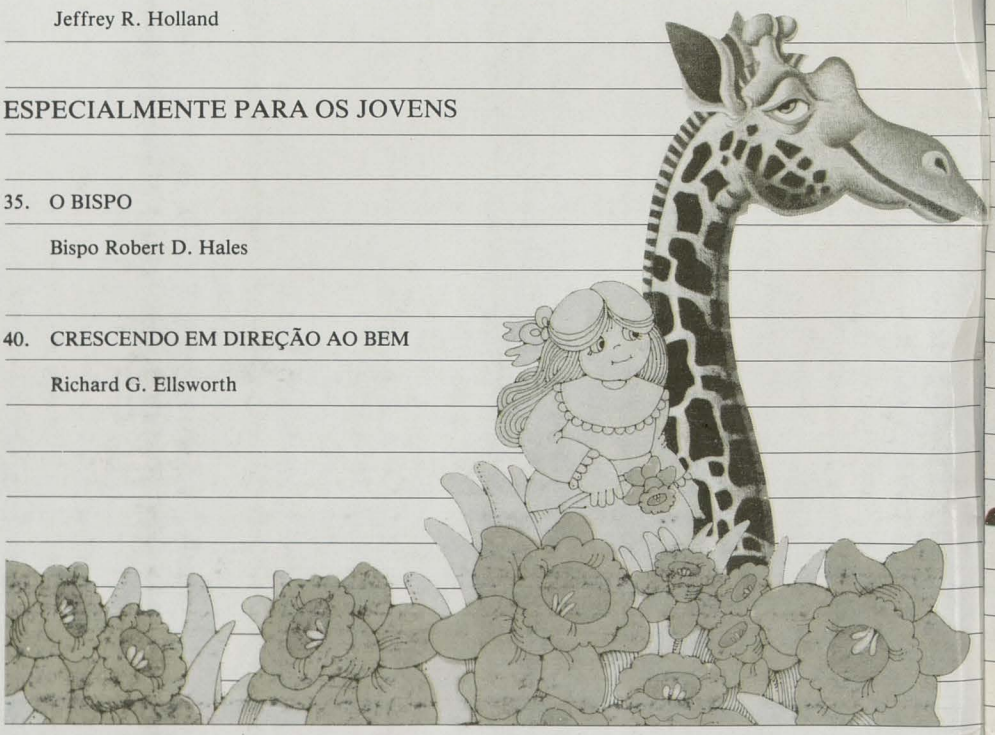
2. TEMPO DE COMPARTILHAR: TESTEMUNHO DE PÁSCOA
Pat Graham

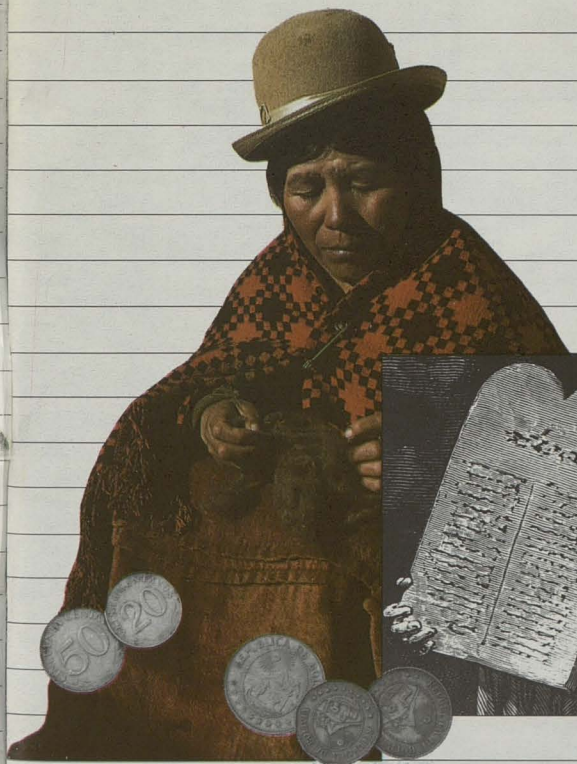
4. LÁGRIMAS E NARCISOS
Sandy Halverson

6. BONECA DE PAPEL DAS ESCRITURAS: MULHER

7. GRAVURA MISTERIOSA

8. FAÇA UM ROSTO
Donna Lugg Pape





MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

"O CAMPO ESTÁ BRANCO"

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Rejubilo-me com o que está ocorrendo na grande obra missionária da Igreja. Ensinar o evangelho às pessoas foi a primeira responsabilidade conferida ao Profeta Joseph Smith, na abertura desta dispensação e jamais deverá ser removida desta posição proeminente. As últimas palavras do Senhor aos seus discípulos de que temos registro, antes da ascensão, foram:

"Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

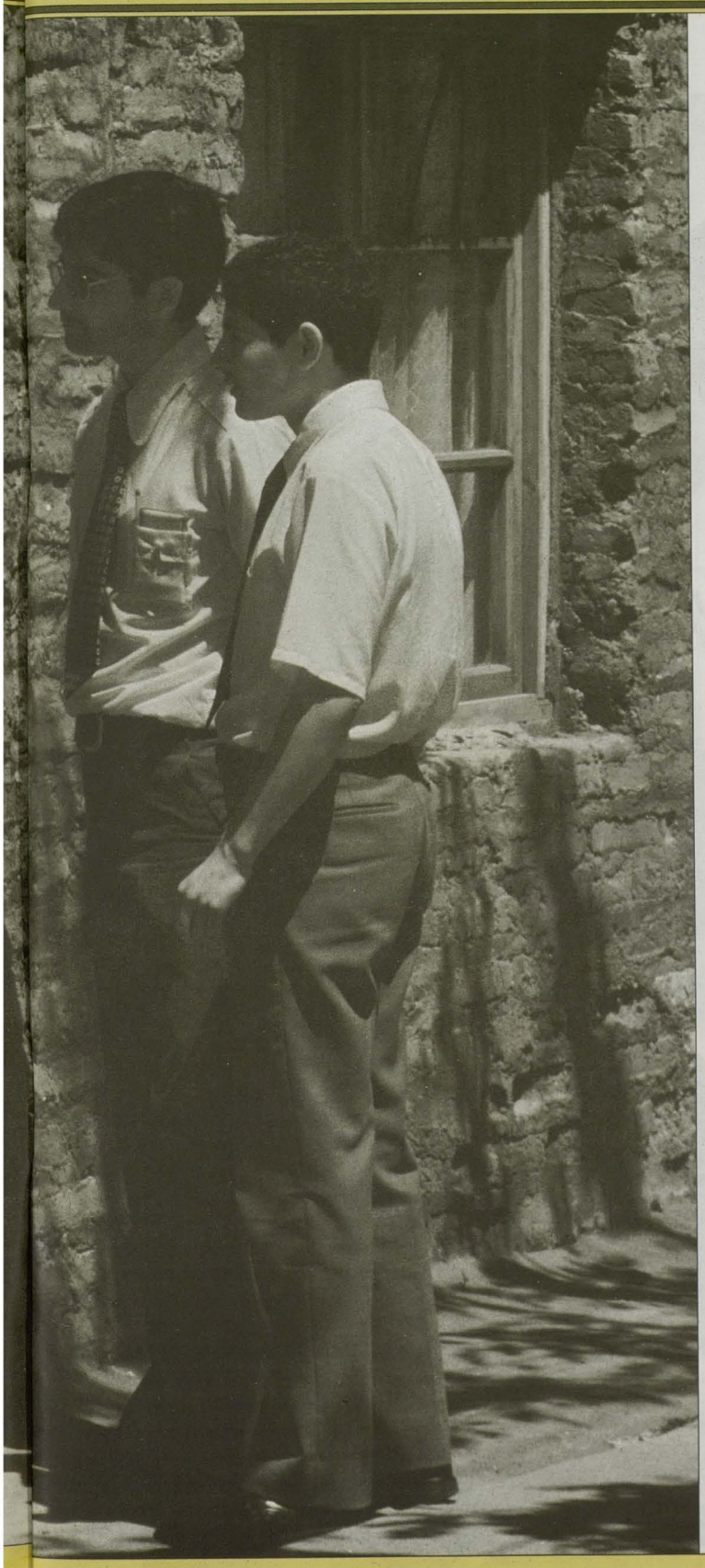
Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos." (Mateus 28:19-20.)

Sinto-me extremamente entusiasmado com o que está acontecendo em nossos dias. Em 1985, tivemos o batismo de 197.640 conversos, número maior que o total de membros que formavam a população da Igreja, após seus primeiros cinqüenta anos!

Presumindo que a estaca média atual tenha cerca de 2.500 membros, no ano de 1985 batizaram-se na Igreja pessoas em número suficiente para criar setenta e nove estacas novas. Isto é verdadeiramente notável.

Uma Alma Vivente

O converso, porém, não é simplesmente um número constante de uma página de estatísticas. O converso é um homem, ou uma mulher, ou uma criança. O converso é uma alma vivente, cuja vida recebeu novos



conhecimentos, nova luz e nova compreensão.

Conversos são as pessoas a quem foi ensinado o evangelho restaurado de Jesus Cristo, e que o aceitaram. São aqueles em cujo coração se instalou uma nova fé, e em cuja mente surgiu um novo entendimento. São aqueles cuja vida se encheu de um novo desejo de viver segundo padrões mais elevados de comportamento. São aqueles que vieram a conhecer uma nova felicidade e adquiriram um círculo mais amplo de amigos. São aqueles cuja visão se elevou a uma nova compreensão dos propósitos eternos de Deus. Os conversos são imensamente importantes, porque são homens, mulheres e crianças que se arrependeram de hábitos antigos e adotaram novos padrões de vida.

Houve mais de duzentos mil conversos no ano de 1986. Como seria ainda muito mais notável, se este evangelho tivesse tocado a vida de outros cinqüenta mil — ou cem mil pessoas! Devo dizer-vos que sou um dos que acreditam que isto é perfeitamente possível.

A maioria dessas conversões é fruto do trabalho de nossos missionários, e é realmente gratificante saber que, ao final de 1986, havia quase trinta mil no campo, ou já chamados. Podemos esperar que esse número aumente consideravelmente até o final de 1987.

A conclusão é que, se houvesse *mais missionários*, haveria *mais conversos*. É óbvio também que, se os missionários fossem *melhor preparados*, seriam muito *mais eficazes*.

Um Milagre que Se Renova

Para mim, os missionários são um milagre que se renova constantemente. Durante os anos de meu ministério como autoridade geral, tive oportunidade de conhecê-los em todo o mundo. Eles são muito semelhantes, em todos os lugares. A grande maioria é jovem — simpáticos rapazes e belas moças. São cheios de vitalidade, energia e entusiasmo por seu trabalho. Não se desanimam ou desencorajam facilmente, embora passem, eventualmente, por períodos de desânimo, de modo bem real. São dedicados e comprometidos com o trabalho para o qual foram chamados. São guiados, dirigidos e inspirados por um grande grupo de presidentes de missão, a quem chegam a amar quase tanto quanto amam seus próprios pais. Eles se fortalecem uns aos outros e formam maravilhosas amizades, cujos laços perduram por toda a vida. Foram chamados pelo espírito de profecia e revelação, e seus devotados esforços transmitem à Igreja uma constante infusão de sangue novo e vida nova.

Além disso, os rapazes e moças que servem como missionários, jamais voltam a ser os mesmos. Eles retornam com qualidades e uma energia que parecem não derivar de qualquer outro tipo de experiência.

Ensinar o evangelho às pessoas foi a primeira responsabilidade conferida ao Profeta Joseph Smith na abertura desta dispensação e jamais deverá ser removida desta posição proeminente.

Fotografia de Jed Clark e Marty Mayo

Sabem, como jamais haviam percebido, que esta obra é verdadeira e que é o mais importante trabalho que terão pela frente, nesta terra. Voltam para casa com o desejo de continuar servindo. Na missão, estabelecem um alicerce sobre o qual crescerão nas responsabilidades futuras.

Necessitamos de mais missionários. Poderíamos usar mais dez mil atualmente. Qualquer pessoa que afirme que já temos um número suficiente, não sabe do que está falando. Lembro-me de relatórios que ouvi de presidências de área, de várias áreas internacionais do mundo. Esses relatórios indicam a magnitude do trabalho que precisamos realizar. Por exemplo, em determinada área, temos apenas duzentos e setenta mil membros, numa população total de seiscentos e quarenta milhões. "A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros." (Mateus 9:37.) Bem, irmãos e irmãs, o que podemos fazer?

Uma Melhor Preparação

Acredito que a obra missionária é, em primeiro lugar, uma responsabilidade do sacerdócio. Embora certas moças realizem um serviço excelente no campo, algumas com mais eficiência do que os próprios élderes, a responsabilidade fundamental dessa tarefa é dos rapazes. Precisamos nortear nossos rapazes para o serviço missionário mais cedo, e há necessidade de prepará-los melhor.

Alguns anos atrás, compareci a uma conferência de estaca numa área rural. Na reunião de sábado à noite, estávamos salientando a importância da obra missionária. Um rapaz do campo, de dezoito anos, com sardas no nariz e um sorriso encantador, foi solicitado a relatar como se havia preparado para sua missão. Ele enumerou dez pontos que o haviam ajudado. Ei-los aqui:

"1. A primeira coisa, e a mais importante: tenho pais maravilhosos que me ajudam. Eles têm me incentivado a fazer missão, desde que me entendo por gente. Também me ajudaram a economizar dinheiro para esse fim.

2. Sempre freqüentei a Igreja. Tenho aprendido lições maravilhosas que me têm auxiliado a compreender o significado do evangelho.

3. Participei do programa de Escotismo durante sete anos. Sou um Escoteiro da Pátria. Ensinaram-me a "estar preparado". Muitas vezes tenho repetido o juramento escoteiro, de "cumprir meu dever para com Deus e para com meu país".

4. Conquistei o "Reconhecimento do Dever para com Deus". Sei que este dever inclui a divulgação do evangelho entre o povo.

5. Sou assistente do quorum de sacerdotes. Trabalho diretamente com meu bispo, que é o presidente do meu quorum. Desde que era diácono, o bispo e seus conselheiros me entrevistam e temos conversado sobre meus planos de ir para a missão. Eles me ajudaram a adquirir uma visão da grande oportunidade e encargo que é servir ao Senhor como missionário.

6. Tenho freqüentado o seminário, onde tenho estudado o evangelho. Tenho tido professores e amigos maravilhosos. Tenho lido e estudado o Livro de Mórmon, e eu sei que ele é a palavra de Deus.

7. Sirvo como professor da Primária. Isso foi um grande desafio. Tenho uma pequena classe de meninos e meninas que nem sempre são fáceis de controlar, mas eu os amo e eles sabem disso. Estamos aprendendo juntos.

8. Tenho participado de noites familiares desde pequeno. Oro junto com minha família, nós cantamos juntos e lemos juntos as escrituras. Traçamos planos para nossa vida e sobre as coisas que desejamos realizar.

9. Tenho procurado levar uma vida pura. Defronto-me com tentações, mas não me esqueço da meta de sair em missão, e desejo ser digno desse trabalho. Há muito tempo decidi que não preciso tomar cerveja, não preciso fumar, não preciso experimentar drogas, e não preciso envolver-me com coisas imorais.

10. Na escola tenho responsabilidades de liderança e serviço. Sou um líder estudantil e aprecio muito essa oportunidade. Ela me ajuda a crescer e a fazer muitos amigos maravilhosos."

Este rapaz concluiu, dizendo: "Gosto muito da história de Amon, no Livro de Mórmon. Ele lutou com os ladrões e protegeu o rebanho. Enquanto outros, que haviam fugido dos ladrões, gabavam-se diante do rei, Amon cuidava dos cavalos. Ele fez o que precisava ser feito no momento preciso. Se fizermos a mesma coisa e orarmos pedindo ajuda, estaremos prontos."

Jamais ouvi um resumo melhor da preparação missionária. Ele esboça, de modo muito realista, a preparação que deveria iniciar-se na infância e continuar consistentemente até o momento em que o rapaz está pronto para receber o seu chamado.

Outras Vidas Abençoadas, Também

Esse chamado abençoará a vida do missionário, assim como a daqueles que lhe derem ouvidos. E também há outros, cuja vida é abençoada quando um missionário serve, como os membros de sua família que, na maioria dos casos, o sustentam, oram por ele e procuram viver de modo que possam ser dignos dele. Creio que todos os que já sustentaram um missionário podem testificar a respeito dos grandes benefícios recebidos pela família, quando um missionário vai para o campo.

Se quisermos aumentar substancialmente o número de missionários, precisamos iniciar cedo o processo de preparação. Esse processo tem início com os pais.

Desejo falar sobre quatro fases de preparação para a obra missionária: (1) Preparação espiritual; (2) preparação mental; (3) preparação social; (4) preparação financeira.

A *preparação espiritual* de um missionário será fortalecida por noites familiares melhores, por aulas mais eficientes no Sacerdócio Aarônico e organizações auxiliares, por freqüência ao seminário e instituto, por idas ao templo a fim de fazer batismos pelos mortos, pelo incentivo para ler o Livro de Mórmon. Todo rapaz pode beneficiar-se lendo o relato sobre os filhos de Mosiah. Eis o que diz o registro a respeito deles:

"Esses filhos de Mosiah... haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; porque eram homens de inteligência sã, e haviam examinado diligentemente as escrituras, para poder conhecer a palavra de Deus.

E não só isso; tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso tinham o espírito de profecia e de revelação e, quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus." (Alma 17:2-3.)

Preparação Mental. Os bispados precisam ser diligentes e ter o espírito de oração, quando realizam entrevistas pessoais com os meninos, a começar de quando eles ainda são diáconos. Que o bispado os incentive na direção do serviço missionário. Que ajude esses jovens a moldar sua mente e pensamentos, a fim de que possam enfrentar os rigores do serviço missionário, fazer os ajustes culturais necessários quando trabalharem em países diferentes, e se dedicarem integralmente à obra missionária quando forem chamados. Obviamente, os pais devem apoiar todos esses aspectos, aconselhando os filhos de maneira sábia e inspirada a respeito desses mesmos pontos.

Preparação Social. Ensinemos a nossos jovens, com conselhos e amor, a importância de se conservarem limpos e dignos de representar o Senhor, como seus embaixadores diante do mundo. Incentivemos as atividades sociais saudáveis, e deixemos que nossa juventude aprenda a grande arte de cooperar com as outras pessoas. Enquanto estiverem no campo missionário, eles terão companheiros com os quais serão obrigados a trabalhar. É preciso que aprendam a procurar as qualidades desses companheiros, e que saibam incorporar as virtudes alheias à sua própria vida.

Preparação Financeira. A missão tornou-se um empreendimento caro. A despesa média é de US$ 250 por mês, o que significa aproximadamente US$ 6.000 no período de dois anos. O tempo de começar a economizar é quando os meninos ainda são bem pequenos. Essas economias devem ser guardadas em poupanças bancárias bem seguras, e não colocadas em aventuras especulativas. O rapaz a quem me referi anteriormente, havia economizado o dinheiro para financiar sua missão. Muitos de nossos jovens fazem isso. Muitos mais poderiam fazê-lo.

Missionários de Todas as Partes do Mundo

Um dos fatos mais significativos dos últimos anos é o número cada vez maior de rapazes e moças que vão para o campo missionário, saindo de outros países além dos Estados Unidos e Canadá. Em uma das áreas internacionais, setenta e cinco por cento dos que estão servindo atuam em seu próprio país. Isto é muito alentador. Não conheço nenhum outro meio melhor de ensinar o evangelho e, ao mesmo tempo, desenvolver força e estabilidade para o futuro. Um missionário nativo leva grande vantagem, pois fala a língua de seu povo e compreende a sua cultura.

Insistimos em que se obedeça à regra de sustento de missionários, que tem sido norma da Igreja desde o seu início — isto é, a responsabilidade de sustentar o missionário é do indivíduo e de sua família. Isto deve ser incentivado, mesmo que para tanto se faça necessário retardar a partida. É melhor que um rapaz adie a sua partida para a missão por um ano, ganhando dinheiro para sustentar-se, do que depender inteiramente de outras pessoas.

Contudo, devido às condições econômicas de alguns países, não é possível alguns dos rapazes e moças servirem sem auxílio financeiro. As alas e quoruns devem, nesses casos, ajudar na medida do possível. A diferença poderá sair do fundo geral missionário, composto das contribuições dos membros da Igreja. Incentivamos os membros a contribuírem para o fundo missionário geral, quando apropriado e possível fazê-lo. Este fundo possibilitou a milhares de nossos jovens, tanto rapazes quanto moças, partir para o campo missionário. Sem essa ajuda, milhares deles não poderão servir.

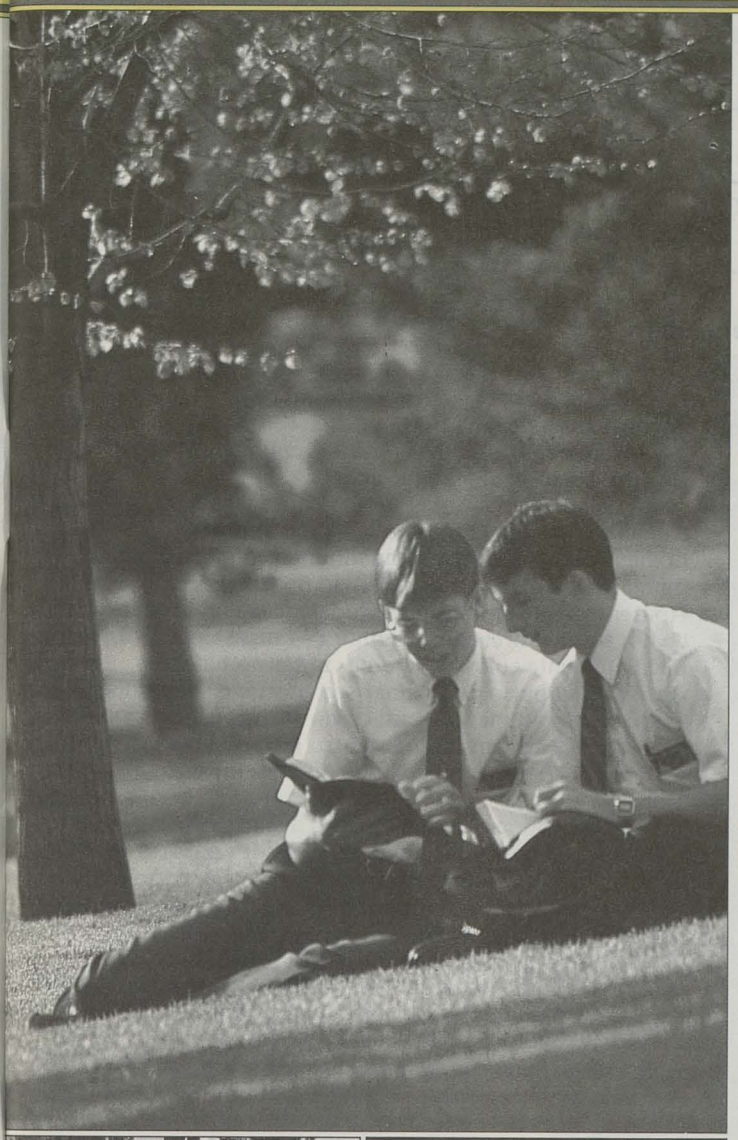
Bênção Prometida pelo Senhor

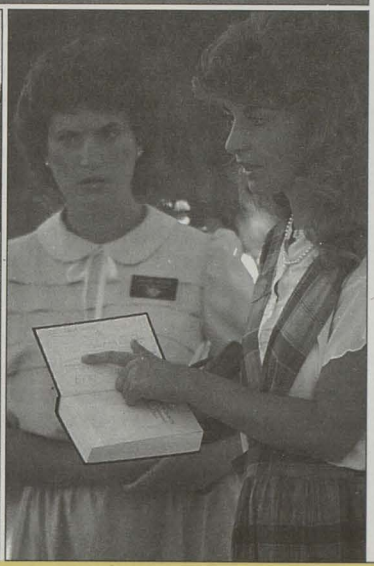
Para cada contribuição desse tipo, há a promessa de uma bênção do Senhor. Diz ele a respeito daqueles que auxiliam os missionários:

"E aquele que vos alimentar, ou vos vestir, ou vos der dinheiro, de modo algum perderá a sua recompensa.

E aquele que não fizer estas coisas, não é meu discípulo; por isto, conhecereis os meus discípulos." (D&C 84:90-91.)

Incentivemos com redobrada ênfase o serviço missionário, assim como a ajuda aos missionários, como dever e responsabilidade. O mandamento do





Senhor está sobre nós. É nossa responsabilidade levar o evangelho aos povos da terra. Coisas maravilhosas estão acontecendo. E outras ainda mais extraordinárias poderão suceder. Que sejamos fiéis na edificação do reino que amamos, fazendo a vontade daquele que é o nosso Salvador e nos mandou pregar o evangelho. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Ensinar o evangelho a outras pessoas é uma importante responsabilidade da Igreja e seus membros.
2. Há necessidade de mais missionários.
3. Há necessidade de missionários mais bem preparados.
4. Os que saem em missão, precisam preparar-se de quatro formas: (1) espiritualmente, (2) mentalmente, (3) socialmente, e (4) financeiramente.

Auxílios para o Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito da obra missionária.
2. Há escrituras ou citações neste artigo, que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita? Há alguma mensagem do bispo ou líder do quorum, a ser transmitida?

A força missionária da Igreja conta com rapazes, vistos aqui estudando as palestras missionárias; duplas de marido e mulher, como este casal missionário no Arizona; e missionárias, como esta que aqui apresenta um exemplar do Livro de Mórmon a um pesquisador em potencial.

O ESPÍRITO PRECISOU ENSINAR-ME

Isabelle L. Cluff

Quando terminei minhas compras, não escolhi conscientemente o caixa mais afastado das longas filas de compradores barulhentos. Talvez tenha sido simplesmente por me sentir tão exausta que fui atraída para aquela área mais sossegada.

Seja qual for a razão, de alguma forma senti-me reconfortada permanecendo quieta, sem tomar decisões durante alguns momentos. Assim que os dois fregueses à minha frente terminassem de passar suas compras e pagá-las, chegaria a minha vez. Minha filha adolescente estava atrás de mim na fila. Deixei que minha mente vagasse, sem prestar atenção ao que acontecia ao meu redor. Até que o homem de meia-idade, à minha frente, começou a ficar impaciente, não percebi que nossa fila estava parada. Dando uma olhadela para o fim do balcão, vi quatro cartuchos de supermercado cheios de mantimentos, colocados num carrinho. Uma mulher de cabelos brancos, pobremente vestida, estava contando o dinheiro que tinha, diante do caixa. Inutilmente procurava na bolsa mais alguns trocados, abrindo um compartimento após o outro, com mãos trêmulas.

À medida que a tensão ia aumentando, desejei estar mais perto dela. Contudo, aquele era um grupo especial de estranhos — todos pacientes, sem demonstrar aborrecimento ou qualquer sinal de caçoada. Senti o calor do Espírito que me inundava, e quase ouvi as palavras que me vieram à mente: "Ajude-a."

— Isso é tudo o que tenho — disse a senhora, baixinho, desistindo de sua busca.

Com ar de desculpa, o caixa retirou um pequeno pacote de frutas ou hortaliças de cima de um cartucho marrom, e pesou-o na balança. O valor era insuficiente. O rosto dela demonstrava embaraço, quando ele tirou um segundo pacote do saco e o pesou.

— Não, eu preciso... — Havia preocupação na voz da mulher, quando aquele segundo pacote foi retirado.

Sabendo que ajudar da forma errada poderia criar mais embaraço, orei silenciosamente: "Oh, Pai, como devo ajudar?"

Não pude esperar mais. Melhor tentar errando do que esperar.

Debruçando-me para além do freguês à minha frente, perguntei ao caixa: — De quanto ela precisa?

— Dez cruzados — disse ele, grato pelo envolvimento de uma outra pessoa.

— Acrescente à minha conta — repliquei. Mas o Espírito sussurrou: "Pague agora."

— Melhor ainda, aqui está uma nota de dez — emendei. Estendi a mão por cima das compras e do homem que se encontrava na minha frente, para pôr o dinheiro no balcão. Percebi alívio no rosto dele. Aparentemente ele desejara ajudar, mas não soubera como. — Dividirei com a senhora — disse ele, e imediatamente colocou algumas notas no balcão. Resisti ao impulso de declinar sua oferta, e apenas lhe agradeci. Subitamente, senti como se os céus se tivessem aberto, envolvendo nosso grupo numa cordialidade inesperada. Todos nós desejávamos ajudar.

Rapidamente o caixa completou a transação e recolocou as coisas que havia retirado dos pacotes da mulher. Então, calmamente, com segurança, a mulher voltou-se e nos encarou. Ficando mais ereta, ela iniciou: — A quem devo...

Lágrimas obscureceram meus olhos, enquanto eu suplicava ajuda. "Oh, Pai, dá-me as palavras certas. Por favor, não deixes que nós a magoemos ou firamos sua auto-estima."

A resposta saiu naturalmente. — Alguém que a ama e que ama o Senhor — ouvi-me dizendo. — Além do mais, a senhora teria feito o mesmo por mim.

A mulher de cabelos brancos começou a descontrair-se. Parou de tremer. Seu rosto abriu-se lentamente num sorriso pensativo.

— Sabe, teria mesmo — disse ela, como que surpresa por eu sabê-lo. Então, sorrindo abertamente, reafirmou: — Realmente eu teria!

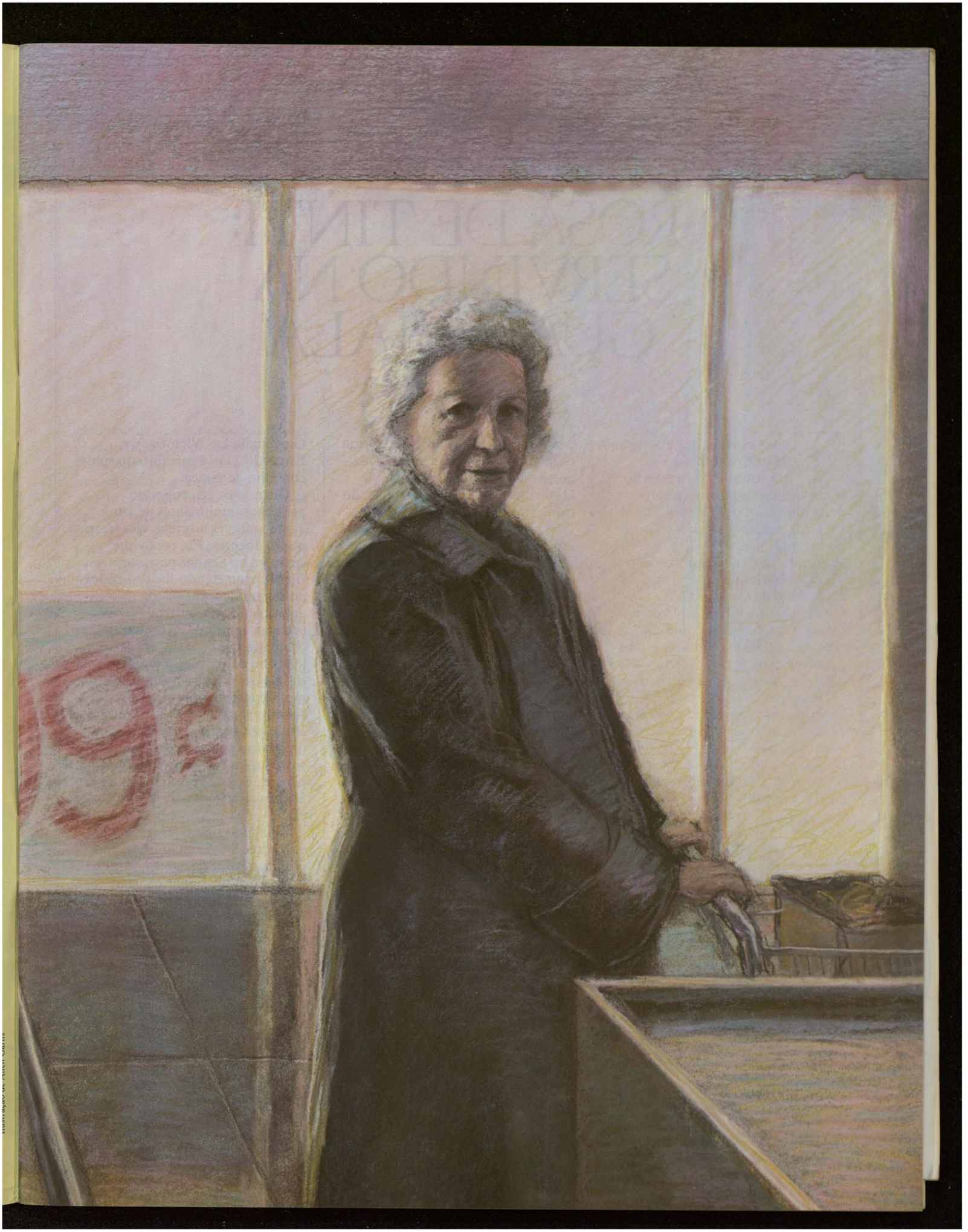
Com dignidade, virou-se e empurrou seu carrinho porta afora.

Uma espécie de reverência permaneceu na nossa fila. De repente, não me sentia mais cansada. O freguês à minha frente começou a assobiar uma toada.

A caminho de casa, minha filha quebrou o silêncio: — Mamãe, foi muito bom o jeito com que você ajudou aquela senhora. Todo mundo ficou feliz.

— Sabe de uma coisa — respondi. — Eu realmente não sabia como agir sozinha. O Espírito precisou ensinar-me. Tudo o que fiz foi orar, pedindo ajuda. □

Ilustração de Allen Garns



ROSA DE TINTI: SERVINDO NA GUATEMALA

Don L. Searle

"Todas as vezes que ela vai ao templo, é como se alimentasse o seu espírito, transmitindo-nos depois a força desse alimento", diz Henry Elliott Tinti, de dezesseis anos, a respeito de sua mãe.

Para Rosa Cruz Cordoba de Tinti, a oportunidade de trabalhar no Templo da Cidade de Guatemala, foi a realização de um sonho. Os filhos dizem que ela sempre foi uma boa mulher e uma excelente mãe, muito dedicada aos outros. Mas com o seu batismo, em 1979, surgiram ainda mais oportunidades para servir, através dos chamados na Igreja. Atualmente, por exemplo, ela ocupa, pela segunda vez, o cargo de presidente da Sociedade de Socorro da ala. Em sua opinião, entretanto, a maior de todas as oportunidades de servir foi o chamado para ser oficiante do templo, quando de sua dedicação, em dezembro de 1984.

Mesmo antes de se tornar membro da Igreja, Irmã Tinti "sempre tentou ensinar-nos princípios morais", relata sua filha Reyna, de vinte anos. Irmã Tinti aceitara o que encontrara de bom na religião de seus antepassados, mas estava insatisfeita. "Sentia que deveria haver algo melhor, mas não sabia o que era."

Rosa de Tinti descobriu esse "algo melhor" por meio de sua filha mais velha, Melida (de seu primeiro casamento), que fora batizada na Igreja, quando morava nos Estados Unidos. Melida enviou os missionários à casa de sua mãe, que havia constituído uma nova família na Guatemala. Os filhos do casal Tinti foram batizados em 1978, mas como o pai não aceitou a Igreja, Irmã Tinti só se sentiu livre para ser batizada após a morte dele, no ano seguinte. Um ano mais tarde, em 1980, ela recebeu seu endowment no Templo de Los Angeles.

Reyna afirma que a mãe sempre ajudou muito outras pessoas — abrigando em seu lar, por exemplo, um jovem rejeitado pela família, e também uma missionária, de volta da missão. A bondade da Irmã Tinti, assim como sua afiliação à Igreja, eram do conhecimento de todos os seus vizinhos. Quando alguém na redondeza tem um problema, observa Reyna, as pessoas lhe dizem: "Procure Irmã Tinti. Ela o ajudará."

Henry diz que a mãe é muito cuidadosa ao ensinar-lhes princípios corretos, "e depois deixa que façamos o que sabemos ser o certo".

Embora a mãe "não tenha sacerdócio", comenta ele, "ela sabe que isso é importante na vida de um homem". E quando Irmã Tinti acha que Henry precisa da orientação de um homem em sua vida, recorre a um de seus filhos gêmeos, Mauro e Estuardo. Mauro Tinti é o primeiro conselheiro do bispo de sua ala (Ala La Laguna, Estaca de Guatemala City Guatemala Las Victorias), e Estuardo Tinti é membro do sumo conselho da estaca.

Quando os gêmeos eram pequenos, muito antes de Irmã Tinti conhecer a Igreja, eles ficaram muito doentes. Ela conta que suplicou ao Senhor para curar os filhos, prometendo-lhe dedicá-los ao seu serviço, caso isso acontecesse. Quando os filhos estavam em idade de aceitar um chamado missionário, ela se lembrou da promessa que fizera.

Os gêmeos saíram em missão ao mesmo tempo, com o apoio financeiro da mãe. (Melida, filha de Rosa, também fez missão.) Como uma viúva sozinha conseguiu sustentá-los? "Não sei. Realmente não sei. Somente com o auxílio do Senhor isso foi possível", responde ela.

"Fiz todo tipo de trabalho que encontrei." Isso incluiu cozinhar para o zelador da capela, lavar as roupas dos missionários, e até fazer tamales (um tipo de panqueca mexicana) para vender. Trabalhava "até minhas mãos doerem de tanto trabalhar".

Um dos motivos de sua solicitude em servir, é a motivação que sentiu desde que foi batizada na Igreja. Ela cita, por exemplo, a manifestação que recebeu em janeiro de 1985, um dia antes de começar a trabalhar no templo. Logo depois que se deitou, viu os esqueletos de muitos mortos, e depois uma mulher índia,

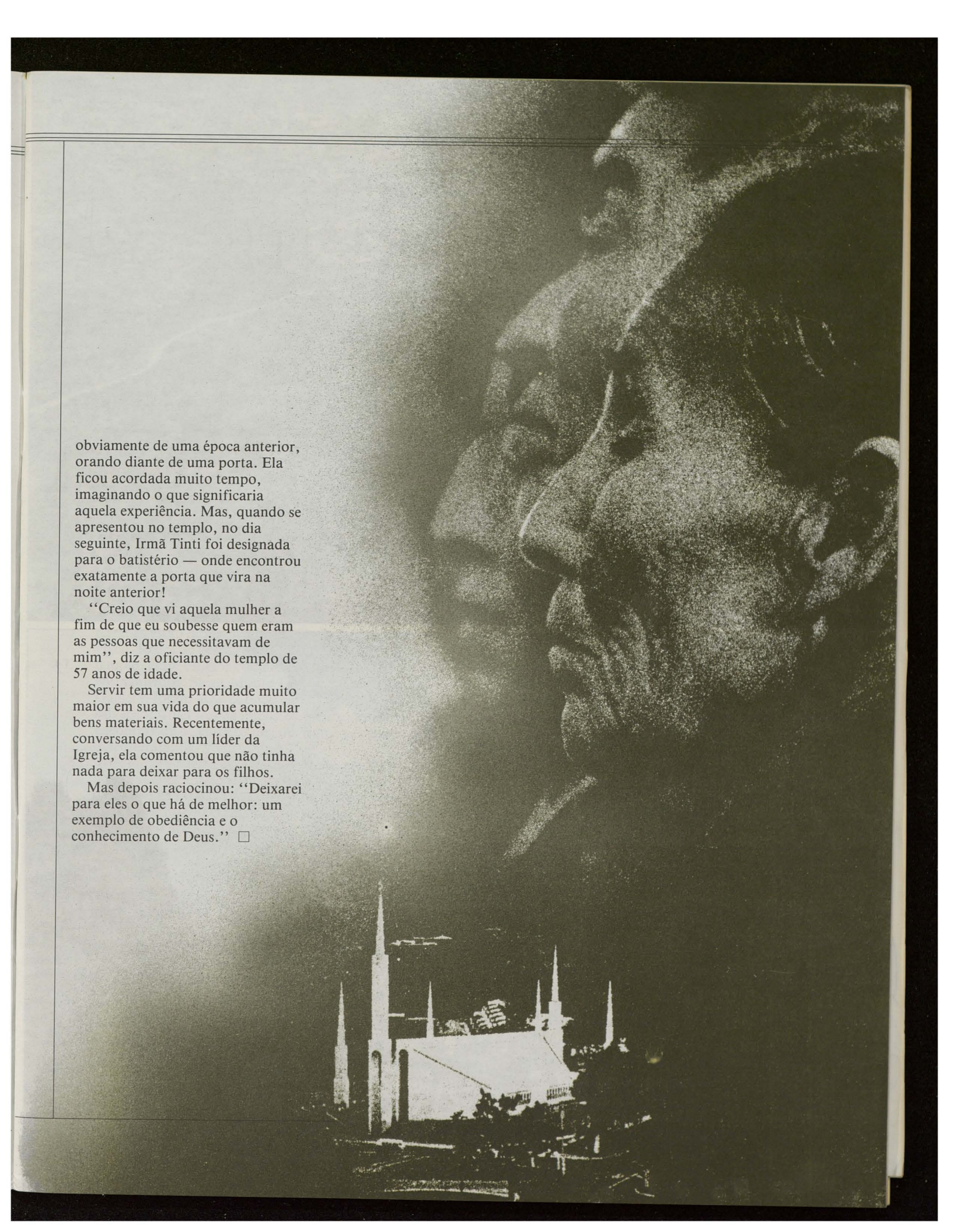
Fotografia de perfil, de Eldon Linschoten

obviamente de uma época anterior, orando diante de uma porta. Ela ficou acordada muito tempo, imaginando o que significaria aquela experiência. Mas, quando se apresentou no templo, no dia seguinte, Irmã Tinti foi designada para o batistério — onde encontrou exatamente a porta que vira na noite anterior!

"Creio que vi aquela mulher a fim de que eu soubesse quem eram as pessoas que necessitavam de mim", diz a oficiante do templo de 57 anos de idade.

Servir tem uma prioridade muito maior em sua vida do que acumular bens materiais. Recentemente, conversando com um líder da Igreja, ela comentou que não tinha nada para deixar para os filhos.

Mas depois raciocinou: "Deixarei para eles o que há de melhor: um exemplo de obediência e o conhecimento de Deus." □



1

2

A TERRA DE JESUS

David H. Garner

O ministério mortal de Jesus Cristo afetou toda a humanidade, entretanto, ocorreu numa estreita faixa de terra, de 60 a 150 quilômetros de largura e menos de 250 quilômetros de comprimento.

Embora o evangelho ministrado por Jesus fosse universal, seus ensinamentos e suas experiências terrenas estão intimamente ligados à terra na qual viveu. Redes de pesca, pedras de moinho e paredes do templo, eram objetos comuns em sua vida e em seus ensinamentos. Sicar, Monte Tabor e o Mar da Galiléia, foram lugares onde ele ensinou o plano de salvação. Coletores de impostos, pescadores e nobres encontravam-se entre os que ouviram suas palavras e acreditaram.

Como era a terra do Messias? Neste exemplar, apresentamos fotografias dos locais que Jesus conheceu na infância e até seu ministério terreno chegar ao fim, no Gólgota. Outras cenas da terra de Jesus serão apresentadas em edições futuras.

As fotografias pertencem ao arquivo ilustrado do Dr. Richard Cleave, de Jerusalém, e à coleção pessoal de David A. Garner.

1. Belém da Judéia

"E subiu... José da Galiléia... à cidade de Davi, chamada Belém... a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali,... deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem." (Lucas 2:4-7.)

Assim, embora eles não fossem da cidade de Belém, o nascimento do menino Jesus, na antiga cidade de Rute e Boaz, (Rute 1:2; 2:4) cumpriu a palavra profética de Deus: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade." (Miquéias 5:2.) Significativamente, aquele que foi chamado "o pão de Deus" e "o pão da vida", nasceu em Belém, um termo hebraico que significa *a casa do pão*.

A Belém atual, é muitas vezes maior do que a cidade do nascimento de Jesus — a antiga cidade de Belém ocupa apenas o canto superior direito da fotografia. A área com terraço, na frente, é parte do Campo dos Pastores.

2. Nazaré, Cidade da Juventude do Salvador

Quando José trouxe sua família do Egito, aparentemente decidira retornar a Belém, onde haviam habitado antes da fuga para a terra do Egito. Entretanto, quando José ouviu "que Arquelau reinava na Judéia em lugar de Herodes, seu pai, receou ir para lá; mas avisado em sonhos por divina revelação, foi para as partes da Galiléia. E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno." (Mateus 2:22-23.)

Cerca de seiscentos anos antes, Néfi registrou: "vi... a cidade de Nazaré... uma virgem que era extremamente formosa e branca... Eu olhei e vi a virgem novamente, carregando uma criança em seus braços. E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus." (1 Néfi 11:13, 20-21.)

Embora a cidade seja muito maior hoje do que quando Jesus lá viveu, de muitas maneiras, os aspectos originais da cidadezinha permanecem. As ruas são pequenas, as velhas lojas encontram-se lado a lado, onde as pessoas se reúnem para realizar seus negócios e contar as notícias do dia, e as colinas protetoras ainda circundam a velha praça do mercado e o poço, que datam do tempo de Cristo.

3

4

"E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo: escutai-o." (Mateus 17:5)

3. A Praia do Mar da Galiléia

Como se vê pela fotografia, a terra costeira, ao redor do Mar da Galiléia, é muito fértil. A região com freqüência se torna muito quente, embora a temperatura seja mais amena nas colinas. Às vezes o ar frio que vai das colinas para as planícies, causa tempestades súbitas sobre o lago.

Apinhadas com trabalhadores de ofícios variados, havia nove cidades ao redor do Mar da Galiléia, sendo que três tinham uma população de mais de quinze mil pessoas — um grande número para a época de Jesus. No próprio lago, o Salvador realizou muitos milagres, como acalmar a tempestade e caminhar sobre as águas. Na praia, Jesus curou doentes e expulsou demônios, ensinou abertamente nas sinagogas, e escolheu seus Apóstolos.

4. Jerusalém, a Cidade da Paz

Esta vista do oeste do Monte do Templo, em Jerusalém, mostra a Mesquita de Omar no centro. O pátio oriental do templo de Herodes fica à esquerda e para além da mesquita; o templo em si ficava no sítio da Mesquita de Omar, ou perto dela, à direita. Esta área é conhecida como o Monte do Templo.

"Responderam pois os judeus, e disseram-lhe: Que sinal nos mostras para fazeres isto? Jesus respondeu, e disse-lhes: Derribai este templo, e em três dias o levantarei. Disseram pois os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo." (João 2:18-21.)

5. Monte Tabor

Uma das montanhas singulares da baixa Galiléia, o Monte Tabor eleva seu topo arredondado acima da planície do Vale de Jezreel. Esta montanha é um dos possíveis sítios da transfiguração de Cristo, e ajusta-se à descrição de Mateus de "um alto monte". (Ver Mateus 17:1-2.)

Em 1979, o Presidente Spencer W. Kimball visitou a montanha e afirmou, horas mais tarde: "Senti, com certeza, que este foi o local onde Jesus levou seus três discípulos, Pedro, Tiago e João, este alto monte, conferindo-lhes certas bênçãos. Senti um espírito muito cálido, ao nos reunirmos ali, e senti o que recebemos em decorrência desta experiência."

(Transcrito de uma fita gravada com mensagem do Presidente Kimball, proferida numa reunião sacramental em Shepherd's Field.)

6. O Jardim de Getsêmani

O Jardim de Getsêmani era, na verdade, uma plantação de oliveiras, onde o Salvador e seus Apóstolos iam às vezes, procurar refúgio das multidões e confusão da cidade. Esta oliveira antiga, ou a raiz da qual ela brotou, tem 2000 anos de idade, talvez até mais. Pode ter sido uma testemunha silenciosa daquela noite solene em que Jesus gemeu em agonia, sob o peso dos pecados do mundo. Tendo instituído a ordenança do sacramento, Jesus instruiu seus Apóstolos bem-amados, e orou por eles. "E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e pondo-se de joelhos, orava. Dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálix, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua... E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão." (Lucas 22:41-42, 44.)

7. Gólgota

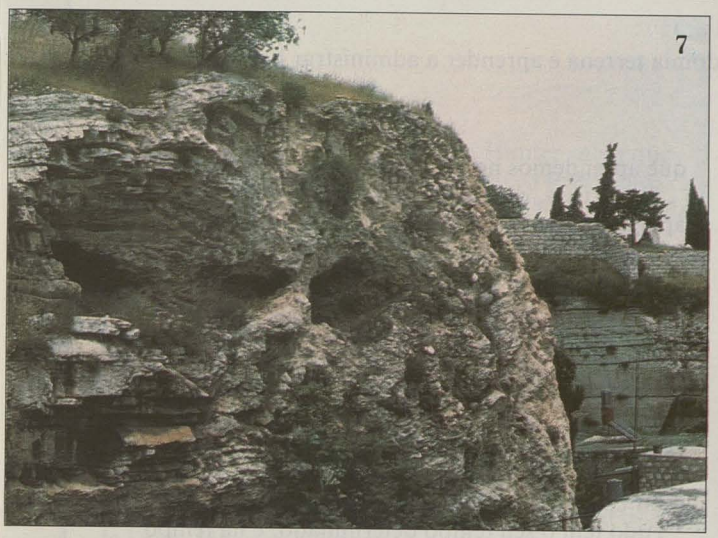
"Pilatos... açoitado Jesus, o entregou para que fosse crucificado... E levaram-no ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira... E era a hora terceira, e o crucificaram." (Marcos 15:15, 22, 25.) Gólgota, no centro da fotografia, tinha esse nome devido às feições de uma caveira que pareciam desenhar-se na face do despenhadeiro, marcando-o como um lugar de morte.

8. Ali pois... puseram a Jesus

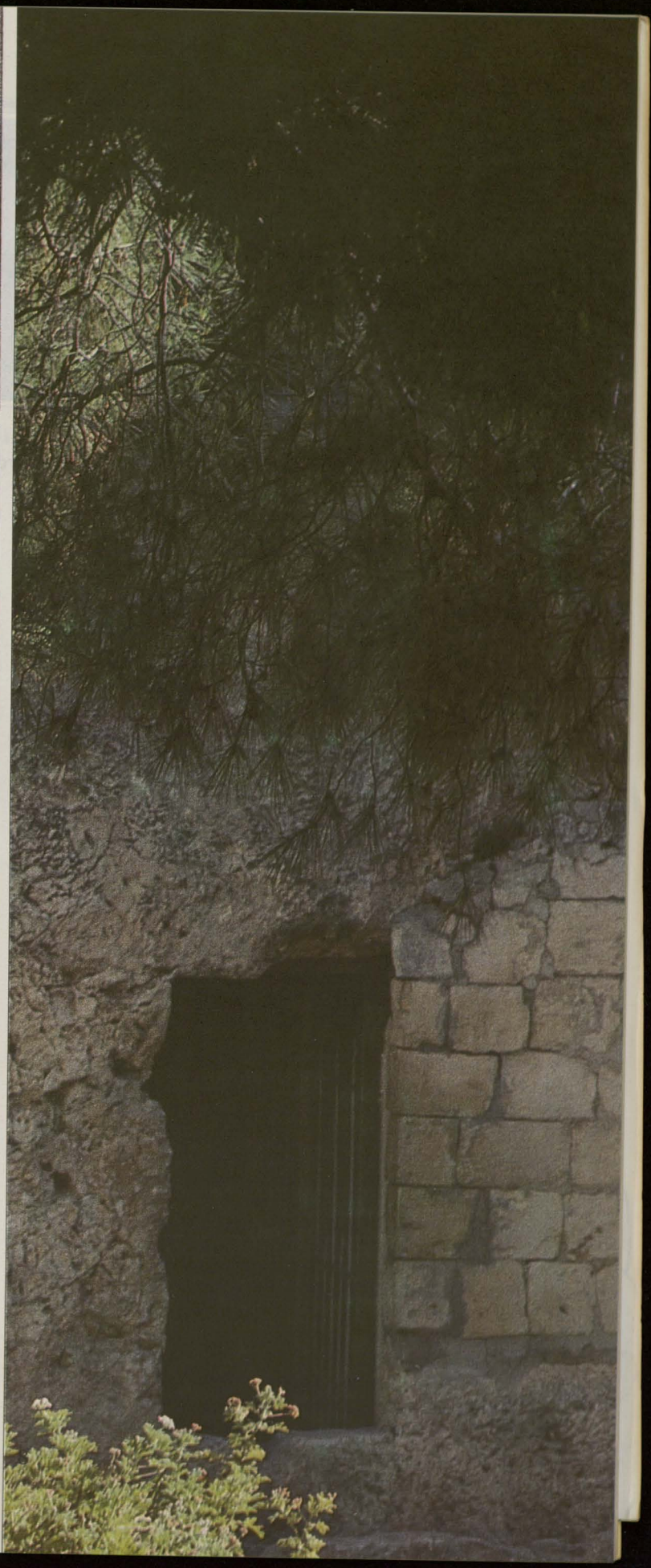
"José de Arimatéia... foi e tirou o corpo de Jesus. E foi também Nicodemos... levando um composto de mirra e aloés. Tomaram pois o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro. E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali pois... puseram a Jesus." (João 19:38-42.)

O sepulcro que aparece na fotografia, assemelha-se grandemente ao sepulcro em que o corpo de Jesus foi realmente colocado. □

6



7

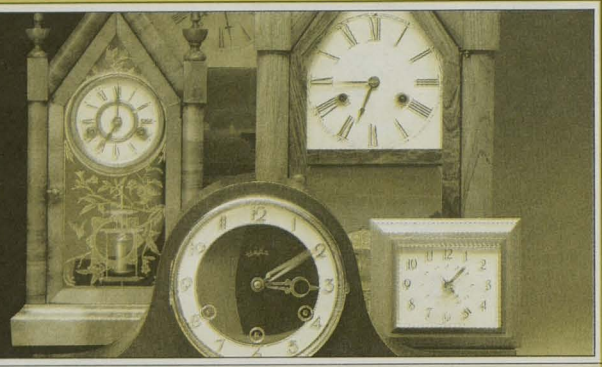


"Não está aqui, mas ressuscitou."

(Lucas 24:6)

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

"HÁ TEMPO PARA TODO O PROPÓSITO DEBAIXO DO CÉU".



Objetivo: Compreender que parte de nossa mordomia terrena é aprender a administrar bem o tempo.

Como mulheres SUD, lutamos em meio a diferentes funções e expectativas. Podemos ter as responsabilidades de esposa e mãe; chamados na Igreja; uma casa e, às vezes, um jardim ou horta para cuidar; tarefas domésticas, como cozinhar, preparar conservas, quando possível; costurar; estudar as escrituras; escrever nosso diário; fazer exercícios físicos diários; às vezes ainda, um emprego fora de casa ou uma atividade lucrativa em casa; outras, a necessidade de cuidar de um genitor idoso; e assim por diante.

Embora devamo-nos "ocupar zelosamente numa boa causa" (ver D&C 58:27), o Senhor não diz que nos devemos ocupar zelosamente de todas as boas causas ao mesmo tempo. A mulher pode ter várias metas, como criar seus filhos em retidão, prestar serviço voluntário num hospital, formar-se numa faculdade, fazer pesquisa genealógica ou ir para a missão. Mas, tentar realizar tudo isso ao mesmo tempo, levará ao desânimo e à frustração.

"Tanta gente me diz: "Oh, você já fez tantas coisas!" conta Barbara Winder, presidente geral da Sociedade de Socorro. Eu respondo: "Bem, mas já vivi tanto tempo!" Realmente há um tempo para cada coisa. Não poderia, de forma alguma, fazer o que estou fazendo como presidente geral da Sociedade de Socorro, se meus filhos ainda fossem pequenos, estivessem em casa e eu precisasse cuidar deles...

Esta é uma lição que todas nós precisamos aprender. Somente nós mesmas podemos determinar o quanto nos é possível fazer. Geralmente pensamos que uma outra pessoa consegue fazer tudo ao mesmo tempo. Mas, quase sempre, uma irmã está fazendo uma coisa, outra está fazendo outra, e ainda uma terceira está fazendo uma coisa diferente. E nós tentamos fazê-las todas ao mesmo tempo! E quando fracassamos tentando fazer "tudo", finalmente percebemos que *não é possível*. Aprendendo o que podemos fazer, estamos crescendo; e então, às vezes, conseguimos fazer um pouco mais — talvez devido ao que aprendemos no processo."

Um artista, diante de sua tela, tem uma visão da aparência final de seu quadro. Ele esboça muitos contornos intermediários, enquanto trabalha. É sábio uma mulher, em qualquer estágio de sua vida, visualizar a pessoa que deseja tornar-se. Ela deve perguntar-se: "O que *posso* fazer neste estágio de minha vida?" ao invés de ansiar por metas que seria melhor deixar para mais tarde.

É inútil uma mulher com quatro filhos pequenos estar constantemente desejando fazer uma missão de tempo integral. Não é prudente para uma missionária estar continuamente sonhando em tornar-se mãe. "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu." (Eclesiastes 3:1.)

As prioridades, os compromissos, os desejos, com freqüência nos puxam em direções opostas. Mas, confiando no Espírito do Senhor, podemos ter a certeza de que escolhemos o caminho correto. Não existem tarefas triviais ou sem importância no reino do Senhor. "Não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes." (D&C 64:33.) □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Vocês possuem metas ainda não alcançadas, que sentem ser tarde demais para atingir? É realmente tarde demais, ou apenas mais difícil?

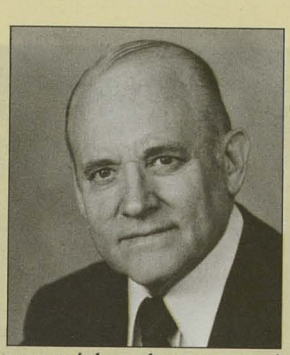
2. Debata como as lições da Sociedade de Socorro e o convívio com as irmãs nos fortalecem na busca de metas que nos trarão desenvolvimento pessoal, nos farão glorificar a Deus, e nos levarão de volta à sua presença.

(Ver matéria relacionada em Livro de Recursos — Noite Familiar, *pp. 200-201, "Dons e Talentos".)*

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER

Presidente em Exercício do Quorum dos Doze Apóstolos

Don L. Searle



John Hunter sabia que seu pai, o Presidente Howard W. Hunter, da Estaca de Pasadena (Califórnia), não era fã de esportes. Entretanto, parecia estranhamente preocupado, naquela noite de outono de 1959, enquanto observava silenciosamente os jogadores, quase sem enxergá-los, durante um jogo de futebol americano entre a Universidade Brigham Young e a Universidade de Utah. Howard Hunter não podia contar ao filho que refletia sobre a entrevista que tivera com o Presidente David O. McKay, algumas horas antes.

O Presidente Hunter, que visitava a Cidade do Lago Salgado por ocasião da conferência geral, não se surpreendera com o recado recebido do Presidente McKay, pedindo-lhe que fosse vê-lo em seu escritório, entre as sessões daquele dia. Estivera trabalhando num projeto para a Primeira Presidência, e supunha que o Presidente desejasse vê-lo a respeito daquele assunto.

Mas a saudação do Presidente McKay foi estarrecedora: "Oh, que bom que você está aqui, pois amanhã vai ser apoiado como membro do Conselho dos Doze."

"Fiquei chocado com o chamado", recorda o Presidente Hunter, embora tivesse ampla experiência em postos de liderança na Igreja. Fora presidente de estaca por aproximadamente dez anos, tendo antes servido como bispo, durante quase sete anos. Também fora encarregado do conselho regional de presidentes de estaca, no sul da Califórnia.

Howard Hunter ouviu o Presidente McKay dizer-lhe o quanto apreciaria seu novo chamado, e como isso mudaria sua vida. Então o Presidente McKay pediu-lhe que não contasse a novidade a ninguém, a não ser à esposa, até que seu nome pudesse ser apresentado para apoio na conferência do dia seguinte.

Clara May Hunter (Claire) encontrava-se naquele momento a setenta e dois quilômetros de Provo, visitando John e a esposa, Louine, que recentemente dera à luz o primeiro neto dos Hunter. O Élder Hunter telefonou-lhe para contar a novidade, mas depois que colocou as palavras para fora houve silêncio na linha, pois ambos ficaram tomados de emoção.

"Fui para a sessão vespertina da conferência e sentei-me, com o peso da responsabilidade começando a pesar sobre mim. Fiquei tão nervoso, que não conseguia parar sentado. Então levantei-me e comecei a caminhar. "Não sei aonde fui", recorda o Presidente Hunter, "mas passei o tempo pensando sobre o novo chamado e o efeito que teria sobre mim".

Significaria renunciar à prática da advocacia e à vida que ele e Claire haviam construído no sul da Califórnia, durante quase trinta anos de casamento. Mas, ao mesmo tempo em que pensava nos sacrifícios que teriam de fazer, o Presidente e Irmã Hunter também pensavam nos convênios realizados no templo, de servir ao Senhor a qualquer custo. "Esperávamos honrar o compromisso assumido", diz ele.

Isto era, afinal de contas, o que sempre haviam feito. E o Presidente Hunter estava acostumado a aceitar responsabilidades e a cumpri-las. Fora assim que ele crescera. Howard William Hunter nascera em Boise, Idaho, em 14 de novembro de 1907 — o mais velho dos dois filhos de John William e Nellie Marie Rasmussen Hunter.

Seu pai fora um bom homem, mas não pertencera à Igreja quando Howard era menino. Só depois que Howard tinha a idade de um diácono e participava da tropa de Escoteiros da ala, é que ele e sua irmã tiveram permissão para ser batizados. O pai

finalmente entrou para a Igreja em 1927, sendo assim selado à família.

Howard era conhecido como um rapaz educado, popular entre os jovens de sua idade, e pronto para servir. Ele não chamava atenção para si mesmo, apenas fazia o que julgava importante, à sua própria maneira "quieta e doce", diz a Irmã Dorothy Hunter Rasmussen. "Ele era muito bom para mim, e posso dizer, sem medo de errar, que nunca vi meu irmão fazer uma coisa errada em sua vida", acrescenta.

Quando menino, Howard estudou piano e violino, e aprendeu sozinho a tocar vários outros instrumentos, inclusive a marimba que ganhou num concurso quando estudante. Antes de terminar seus estudos secundários já tocava com seu próprio grupo.

Após graduar-se, em 1926, matriculou-se na Universidade de Washington, em Seattle, Washington. Mas o conjunto que havia formado recentemente, "Hunter's Croonaders", recebeu um contrato para tocar a bordo de um navio, o SS *Jackson*, e assim eles passaram cinco meses numa excursão pela Ásia.

Após a excursão, Howard foi para o sul da Califórnia visitar a família do pianista do grupo. Gostou da região e decidiu ficar. Arranjou emprego num banco e aumentou sua renda, tocando num programa de rádio.

Foi num baile da Igreja que conheceu Clara May Jeffs, ex-modelo que conquistara o lugar de gerente de pessoal de uma bem conceituada loja de roupas, em Los Angeles. Os dois passaram a maior parte de seu namoro envolvidos em atividades da Igreja.

Howard jamais planejara passar sua vida como músico profissional, e à medida que a data do

Esquerda: Howard W. Hunter como escoteiro, aos treze anos.

Direita: Presidente Hunter é membro do Quorum dos Doze desde 1959.

As fotos são cortesia de Busath Photography.

casamento se aproximava, foi sentindo que o emprego incerto de músico, assim como as horas irregulares de trabalho, não lhe permitiriam a vida familiar que desejava. Assim, num sábado de 1931, pouco antes de seu casamento, apresentou-se em seu último compromisso profissional, empacotou seus instrumentos e preparou-se para ir a Lago Salgado, casar-se no templo.

A autoridade geral que oficiou o casamento do Irmão e Irmã Hunter deu-lhes alguns conselhos que eles levaram muito a sério: não contrair dívidas; jamais comprar uma coisa sem ter o dinheiro para pagá-la. Eles seguiram esses conselhos, durante toda a vida, e ensinaram-nos a seus filhos.

Tais conselhos provaram ser extremamente valiosos quando o banco onde Howard trabalhava faliu, durante a Grande Depressão, no início da década de trinta. Sem trabalho, mas também sem dívidas, rapidamente o Irmão Hunter encontrou um novo emprego.

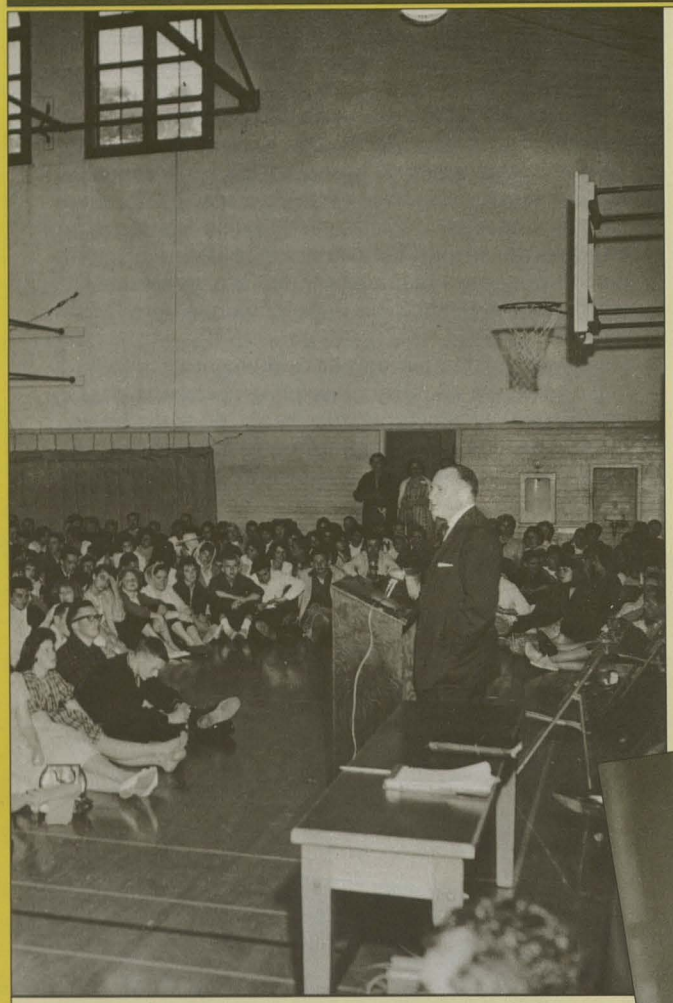
Foi uma decisão importante para a família Hunter, quando Howard decidiu estudar Direito no início de 1934. "Trabalhava oito horas por dia e ia à escola à noite. Fiz meus estudos à noite e durante os fins de semana", recorda o Presidente Hunter. No início, estudava até às duas horas da manhã. Depois, descobriu que era menos cansativo ir para a cama mais cedo e levantar-se às duas da manhã para estudar.

Foi, diz ele, um período de treinamento rigoroso que o ajudou a adquirir a disciplina necessária para satisfazer as exigências profissionais, do trabalho na Igreja e da vida familiar. Formou-se com louvor, passou no exame de Direito da Califórnia e começou

Esquerda: O Élder Hunter quando menino, em Boise, Idaho.

Centro: A música desempenhou importante papel na vida do Élder Hunter. Ele aprendeu a tocar diversos instrumentos, e, durante alguns anos, foi músico profissional, dirigindo seu próprio grupo.

Direita: Falando numa reunião sacramental em Shepherds' Field (Campo dos Pastores), perto de Jerusalém, em outubro de 1978.



Acima: O Élder Hunter falando aos jovens em Santa Rosa, Califórnia, em 1961.

Direita: O Élder e Irmã Hunter.

a praticar a advocacia em 1939.

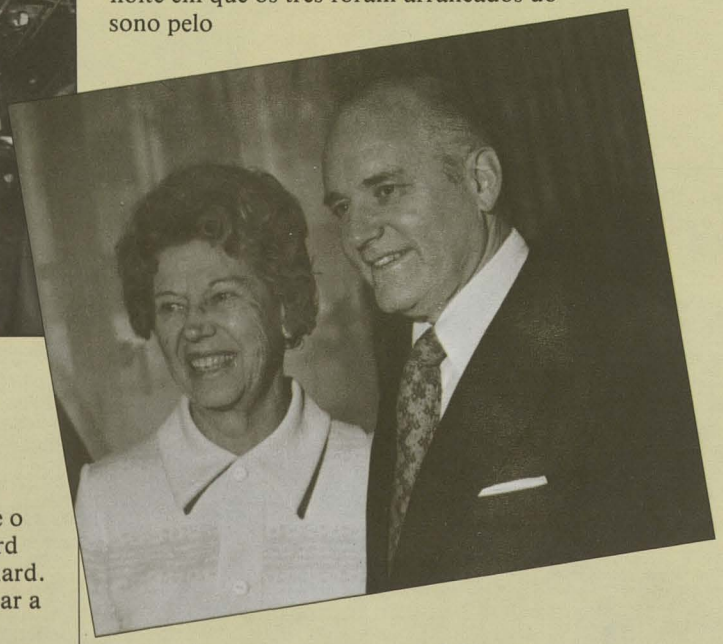
Os três filhos do casal Hunter nasceram durante o tempo em que ele freqüentava a faculdade: Howard William Jr. (que morreu na infância), John e Richard. Foi pouco depois de terminar a faculdade e começar a exercer sua profissão que o chamaram, em 1941, como bispo da recém-organizada Ala de El Sereno, na Estaca de Pasadena (Califórnia). E estas duas influências — a família e a Igreja — moldaram os anos de sua carreira como advogado.

Foi uma época muito trabalhosa. Em 1950, ele foi chamado a presidir a Estaca de Pasadena, e serviu no comitê do templo, enquanto o Templo de Los Angeles estava sendo construído. Através dos companheiros de trabalho, a quem muito apreciou, foi nomeado para a junta de diretores de inúmeras corporações.

Ainda assim, encontrava tempo para os filhos. Uma das várias atividades em que participou com os filhos, foi uma excursão pelo Rio Oregon, em caiaques de fabricação caseira, na qual foi companheiro de barco do filho mais novo. Como a maioria dos outros caiaques, o deles não sobreviveu à viagem. Richard ainda dá risada falando sobre uma queda d'água que desceram de costas.

O Presidente Hunter gostava de acampar. Muitas vezes os meninos acamparam com o pai num bosque perto de sua casa.

Howard também apreciava acampar enquanto viajavam. John e Richard ainda se lembram de uma noite em que os três foram arrancados do sono pelo



ruído e luzes de um trem que vinha exatamente em sua direção!. Ao chegar perto, o trem mudou de direção, passando a seis metros de distância. No escuro, haviam desenrolado seus sacos de dormir junto aos trilhos do trem.

De muitas maneiras, o Presidente Hunter ensinou seus filhos sem dizer uma palavra. "O que sei a respeito da honestidade e da integridade, em grande parte aprendi pelas coisas que as pessoas me contavam a respeito de meu pai", diz Richard. Ele recorda o sábado em que acompanhou o pai numa viagem de negócios, a uma cidade vizinha. Depois de

algum tempo, um dos homens saiu da sala para tomar um pouco de ar fresco, e conversou com Richard sobre o que estava acontecendo na reunião.

Richard comentou que certamente levaria muito tempo para o projeto em discussão poder ser iniciado, uma vez que havia necessidade de tanta papelada legal. Não, garantiu-lhe o homem, as pessoas envolvidas na discussão poderiam prosseguir confiantemente, antes de os papéis estarem prontos, porque sabiam que aquilo que Howard Hunter dissesse que ia fazer, realmente faria.

O Élder Hunter procura visitar seus filhos casados, na Califórnia, sempre que possível. Enquanto John estudava Direito em Los Angeles, o Élder Hunter dava um jeito de visitá-lo quando passava pela Califórnia numa designação da Igreja; John levava os filhos maiores para apanhar o avô no aeroporto. Isso acontecia com tanta freqüência, que os filhos mais velhos de John passaram a chamar o Élder Hunter de "o vovô que mora no aeroporto".

Enquanto os netos cresciam, e alguns deles moravam em Utah por estarem freqüentando a universidade, o Élder Hunter procurava oportunidades para aproveitar a presença deles durante a época de conferências gerais ou por ocasião de outros eventos e atividades.

"Quando penso no vovô Hunter, o que me vem à mente, mais que outra coisa qualquer, é o exemplo de marido amoroso", diz Robert, seu neto mais velho, gerente de um banco num subúrbio de Lago Salgado. As pessoas da família observavam com amor e admiração o Élder Hunter cuidar, durante mais de oito anos, de sua bem-amada Claire, durante uma enfermidade que finalmente lhe tirou a vida em 1983.

"A gente podia realmente sentir o laço de amor entre aqueles dois", diz Robert. O Élder Hunter insistia em cuidar dela pessoalmente, tanto quanto possível, durante os anos em que uma série de ataques a deixou cada vez mais dependente, enquanto continuava a tratar de suas designações na Igreja. Sofreu um ataque cardíaco de pouca monta, o que não pareceu diminuir seu ritmo, afirma sua irmã. Ela e outras pessoas ajudaram a cuidar de Claire, na medida em que ele o permitia.

Quando, finalmente, foi forçado a interná-la num hospital, telefonava freqüentemente, mesmo quando viajava em designações da Igreja. Ir vê-la era a primeira coisa que fazia depois de sair dos escritórios da Igreja, ao final do dia, ou quando retornava de uma viagem. Embora, em determinado momento, ela não conseguisse mais conversar com ele, o Élder Hunter continuou a falar com ela durante suas visitas.

"Estava sempre com pressa de ir vê-la, de ficar com ela, de cuidar dela", diz Robert.

"Ele fez tanto por ela — tanto!" salienta a Irmã Rasmussen.

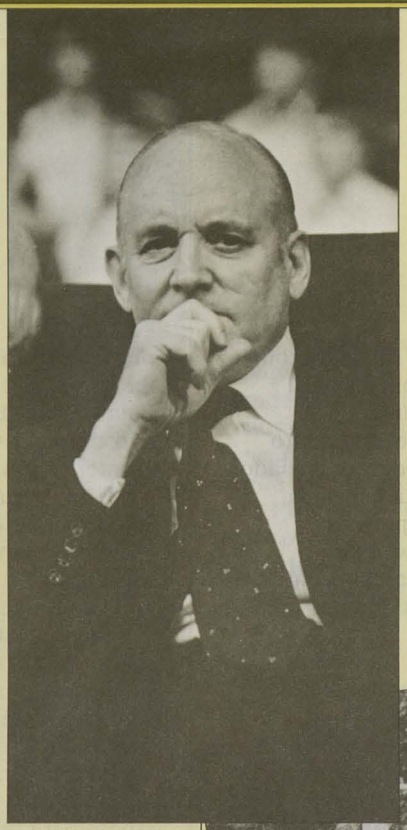
A esposa de um membro do Conselho dos Doze, diz o Presidente Hunter, exerce uma "influência silenciosa e sustentadora", que ajuda o marido a suportar os fardos que tem de carregar. Cabe-lhe, com freqüência, fazer discursos, prestar testemunhos, contribuir de mil outras maneiras. Ela presta uma "grande contribuição" para o sucesso do marido em seu chamado. "Há dois anos que não tenho minha esposa para fazê-lo", acrescenta ele. "Creio que não percebi o grande apoio que era e a grande influência que teve, até ela morrer. Acho que agora o compreendo mais do que nunca."

Há um outro amor que ajudou a sustê-lo durante o tempo da enfermidade de sua mulher, e desde sua perda — não um amor que possa substituí-la, certamente, mas um que edifica, apóia e anima. É o amor dos membros de seu quorum.

"Existe um amor entre os membros dos Doze que ultrapassa todo entendimento", diz ele. "Eles têm o amor do qual Cristo falava, creio eu." Sua convivência com eles, explica o Élder Hunter, ensinou-lhe humildade, paciência, maior fé e amor aos semelhantes. E essas qualidades alimentam um maior desejo de servir.

Durante mais de um quarto de século no Quorum dos Doze Apóstolos, Howard W. Hunter ajudou a levar a Igreja pelo seu caminho de ascensão. Agora vice-presidente do Conselho de Templos e Genealogia, ele está ligado aos programas genealógicos da Igreja há muitos anos (e mantém um interesse pessoal, relata o filho, John, em reunir dados genealógicos da família). Sob a direção do Élder Hunter, anos atrás, foram estabelecidas metas e diretrizes que ainda determinam o caminho do Departamento Genealógico da Igreja.

O Presidente Hunter tem influenciado o Sistema Educacional, como membro da Junta de Educação da Igreja e do Corpo de Diretores da Universidade



Brigham Young. Ele exerce muita influência nos programas para os jovens da Igreja, especialmente no que se refere ao Escotismo. Serviu como diretor da Missão Européia do Oeste, aplicando sua experiência nos negócios como diretor de várias corporações industriais e de arrendamento de terras, e de outras organizações de propriedade da Igreja ou relacionadas com suas atividades.

Mas é a profundidade de sua solicitude pelas pessoas, individualmente, e a tranqüila força de seu testemunho que lhe granjearam o amor de tantos santos dos últimos dias. Sua preocupação está sempre voltada para fora. "Ele tem uma extraordinária capacidade de se lembrar das pessoas e de sua situação", diz o filho Richard. A família e os amigos também comentam sua incrível memória em relação a pessoas que conheceu anos atrás e às coisas que conversaram.

Ele teve o privilégio de trabalhar diariamente, durante muitos anos agora, com alguns dos homens mais espiritualmente sintonizados da terra. E comenta: "É impossível conviver com homens que possuem um testemunho como o deles, sem edificar o seu próprio."

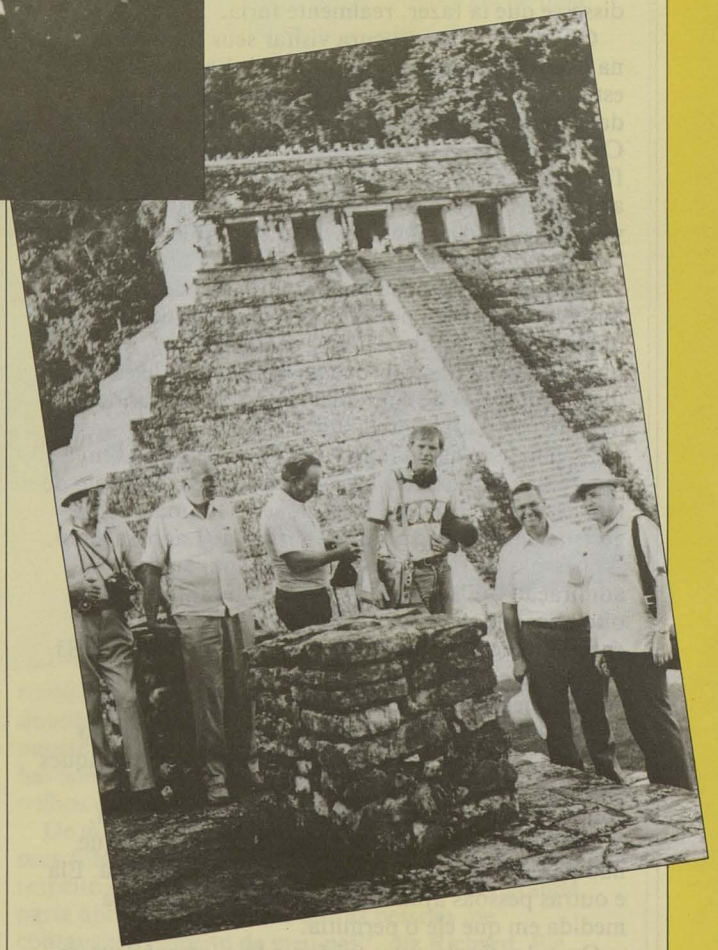
Com o passar dos anos, o Élder Hunter tornou-se uma dessas pessoas cujo testemunho edifica o testemunho alheio. Durante um terço de sua vida, vem reafirmando com constância e consistência, o testemunho que prestou na última sessão da conferência geral, em 11 de outubro de 1959, dia em que foi apoiado como membro dos Doze.

"Tenho uma convicção firme e inflexível de que Deus vive, de que Jesus é o Cristo, de que o evangelho foi restaurado nesta última dispensação, através da instrumentalidade do Profeta Joseph Smith. Tenho uma convicção inabalável da veracidade deste fato", disse ele.

"Aceito, sem reservas, o chamado...e estou pronto a devotar minha vida e tudo o que tenho a este serviço." Ele cumpriu esse compromisso com integridade e amor. □

Direita: Fotografado visitando ruínas de templos antigos, no México. O Élder Hunter está de pé, na extrema direita. Ao lado dele, encontra-se o Élder William R. Bradford, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Ao lado: O Élder Hunter em meditação, durante uma sessão da conferência geral.



FÉ PARA OBEDECER

Sandra Stallings

Quando estava em missão, na Bolívia, pela primeira vez em minha vida defrontei-me com a pobreza extrema. Observando a difícil situação das pessoas a quem ensinava, comecei a imaginar como Deus podia exigir o pagamento do dízimo e tempo aos domingos, tirado do trabalho de seus filhos.

Muitos deles trabalhavam doze horas por dia, sete dias por semana e, ainda assim, não conseguiam pagar suas contas. Muitas vezes me senti desnorteada, ao ensinar os Dez Mandamentos e a lei do dízimo. Como poderiam alimentar sua família com noventa por cento de sua renda, trabalhando seis dias por semana, ao invés de sete?

Durante quatro meses e meio, minhas perguntas permaneceram sem resposta. Então fui transferida para a cidade tropical de Santa Cruz com uma nova companheira. A Irmã Hurtado tinha pele morena, cabelo preto curto, olhos brilhantes e era bem baixinha. Estava trabalhando como missionária há menos de uma semana, e achei que poderia ensinar-lhe muito a respeito da obra que estávamos realizando.

Durante a primeira semana em que trabalhamos juntas, apresentamos a uma certa família a palestra sobre os Dez Mandamentos. O marido, a mulher e um filho trabalhavam na loja da família aos domingos. Eu já os havia aconselhado a freqüentar as reuniões da Igreja, e eles estavam mandando o filho que não cuidava da loja. Achavam que tinham condições de dispensar apenas um membro da família no domingo.

Quando lhes pedimos que se comprometessem a guardar os Dez Mandamentos, puseram-se a dar as costumeiras desculpas. Eu sabia a luta que era, para eles, suprir as necessidades básicas. Como poderia explicar-lhes que algumas bênçãos não podem ser vistas ou calculadas no orçamento mensal? Senti-me confusa. Então, humildemente, minha nova companheira começou a contar a história da própria família, quando decidiram obedecer aos mandamentos.

A mãe da Irmã Hurtado era viúva e sustentava seus quatro filhos, com o que ganhavam com um negócio instalado na própria casa. Domingo era o dia de maior movimento, pois moravam em frente a um cinema, e os freqüentadores dessa casa de diversões paravam para comprar refrigerantes no seu estabelecimento. Eles também vendiam óleo de cozinha em latas grandes, e os fregueses sempre iam comprá-lo aos domingos.

Os missionários ensinaram e batizaram toda a família. No domingo após seu batismo, a Irmã Hurtado perguntou à mãe quem ficaria em casa para cuidar da loja. A resposta realmente a chocou: — Vamos fechar a loja o dia todo. Agora somos membros da Igreja do Senhor, e vamos guardar seus mandamentos.

A Irmã Hurtado lembrou à mãe que assim perderiam seus melhores negócios, mas a mãe ficou firme em sua decisão de honrar o convênio que fizera com o Senhor.

Fecharam a loja e naquele domingo e em todos os domingos que se seguiram. Para surpresa da Irmã Hurtado, não perderam os fregueses que costumavam comprar o óleo aos domingos. Eles acostumaram-se a ir comprá-lo em outros dias da semana. Na verdade, as vendas, de um modo geral, aumentaram, mesmo a família trabalhando seis dias ao invés de sete.

Com o correr do tempo, minha companheira teve oportunidade de relatar sua história muitas vezes. Pouco a pouco fui entendendo por que Deus requeria tanto de seus filhos. Quando exercemos a fé necessária para obedecer a seus mandamentos, colocamo-nos em condição de poder receber as bênçãos de Deus. Suas bênçãos nem sempre são tangíveis, mas ele nos ajuda a resolver nossos problemas.

Comecei a procurar pessoas que haviam cultivado a fé, transformando-a em um poder em suas vidas, e descobri muitos exemplos. Em Cochabamba, ouvi uma mulher prestar seu testemunho a respeito do dízimo. No mês precedente, após pagar o dízimo e as despesas principais, ficara com apenas cem pesos para comprar alimento durante o mês todo. Não sabia como iria sobreviver, mas tinha fé em que o Senhor proveria o necessário.

A caminho do mercado para ver o que poderia comprar, encontrou inesperadamente sua sobrinha, que lhe pediu que fosse com ela comprar alguns tecidos. A mulher acompanhou-a, sem mencionar sua situação embaraçosa.

Enquanto esperava a sobrinha que fazia suas compras, um homem que passava chamou-lhe a atenção: — Senhora, seu dinheiro!

Intrigada, ela voltou-se e viu o homem apontando para sua bolsa. Quando olhou, viu mil pesos em cima da própria bolsa! Não vira ou ouvira ninguém passar perto dela. O dinheiro parecia ter surgido do nada.

Naquele dia, a sobrinha convidou-a para almoçar e ela aceitou, muito grata. Uma de suas irmãs ofereceu-lhe uma cesta de legumes e batatas, e outra também repartiu generosamente o que tinha com ela. Havia o suficiente para passar o mês.

Tais exemplos ensinaram-me que não precisava preocupar-me com o sacrifício das pessoas para pagar seu dízimo ou santificar o Dia do Senhor. Bastava eu ajudar as pessoas a quem ensinava a desenvolverem sua fé e colocá-la à prova. Se conseguissem ter fé nas promessas do Senhor, ele as ajudaria a resolverem quaisquer problemas ou situações.

Lembro-me constantemente dos inúmeros exemplos

do poder da fé que presenciei na Bolívia. Jamais estive numa situação em que sabia não ter dinheiro para comer, se pagasse meu dízimo. Minhas tentações são mais sutis. Mas adquiro forças quando me lembro de que primeiro vem a obediência aos mandamentos do Senhor e fé em suas promessas, e depois as bênçãos, proporcionais ao grau de fé e sacrifício.

Sandra Stallings, escritora "free-lance", serve como primeira conselheira na Sociedade de Socorro de sua ala em Lago Salgado.

Gravações de Gustave Dore

VAMOS CONVERSAR

Depois de ler "Fé para Obedecer", considere ou debata estas perguntas e idéias:

1. Quais são os mandamentos ou princípios do evangelho que lhe parecem mais difíceis de obedecer?
2. Como uma fé maior lhe possibilitaria fazer sacrifícios necessários para obedecer a esses mandamentos?
3. No passado, como foi que recebeu as bênçãos do Senhor por sua obediência?
4. As bênçãos do Senhor são sempre tangíveis? Que outros tipos de bênçãos recebemos?
5. O compromisso de obedecer geralmente é recompensado com a capacidade de obedecer. Como poderia pôr este princípio à prova em sua própria vida?

ASSOMBRO ME CAUSA

Jeffrey R. Holland
Presidente da Universidade Brigham Young

Um de meus hinos favoritos começa com as palavras "assombro me causa". (*Hinos*, nº 62.) Ao pensarmos a respeito da vida de Cristo, ficamos assombrados de muitas maneiras. Assombramo-nos diante de seu papel pré-mortal, como o grande Jeová, agente de seu Pai, criador da terra, guardião de toda a família humana. Assombramo-nos com sua vinda à terra e com as circunstâncias que cercaram seu advento. Assombramo-nos diante do milagre de sua concepção e da pobreza de seu nascimento.

Assombramo-nos com o fato de que, com apenas doze anos de idade, ele já estivesse tratando dos negócios de seu Pai. (Ver Lucas 2:49.) Assombramo-nos com o início formal de seu ministério, seu batismo e dons espirituais.

Assombra-nos o fato de que, onde quer que ele fosse, as forças do mal iam adiante dele, e o conheciam desde o início. Assombro nos causa saber que Jesus expulsava e vencia essas forças do mal, quando fazia os coxos caminharem, os cegos enxergarem, os surdos ouvirem, os enfermos se levantarem. (Ver D&C 35:9.) Na verdade, assombramo-nos diante de cada movimento e a cada momento — como devem assombrar-se todas as gerações, desde Adão até o fim do mundo. Quando penso a respeito do ministério do Salvador, pergunto-me: "Como ele conseguiu?"

Mas o que mais me assombra é o momento em que Jesus, em seu Calvário, disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

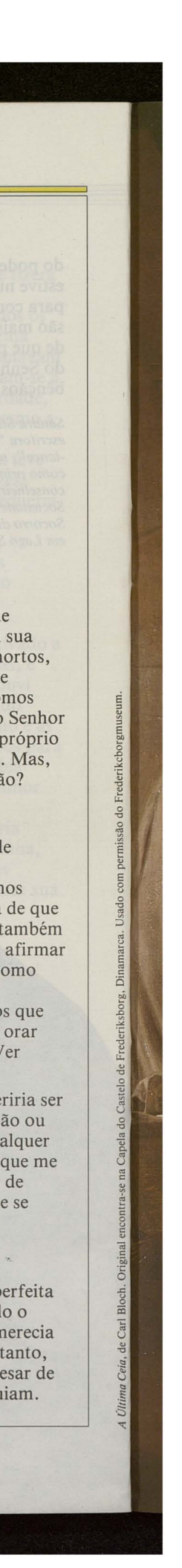
Se existe um momento, diante do qual realmente me assombro, é este. Penso nele suportando o peso de todos os nossos pecados e perdoando aqueles que o pregaram na cruz, e não perguntou: "Como ele conseguiu?" mas sim: "*Por que* o fez?" Quando examino a minha vida e a comparo com a misericórdia da dele, percebo como fracasso em fazer tanto quanto deveria, para seguir o Mestre.

Para mim, esta é uma ordem mais elevada de assombro. Maravilho-me suficientemente com sua capacidade de curar os doentes e levantar os mortos, mas, embora de maneira limitada, também tive algumas experiências com curas. Todos nós somos vasos menores, mas temos visto os milagres do Senhor se repetirem em nossa própria vida, em nosso próprio lar, e com nossa própria porção do sacerdócio. Mas, misericórdia? Perdão? Expiação? Reconciliação? Com muita freqüência, estas são questões completamente diferentes.

Como pôde ele perdoar seus algozes, naquele momento? Com toda aquela dor, com sangue vertendo de todos os poros, ele ainda pensou nos outros. Esta é mais uma evidência assombrosa de que ele realmente era perfeito, e pretende que nós também o sejamos. No Sermão da Montanha, antes de afirmar que a perfeição é nossa meta, transmitiu-nos como que um último requisito. Disse que nós todos precisamos "amar nossos inimigos, bendizer os que nos maldizem, fazer bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos maltratam e nos perseguem". (Ver Mateus 5:44.)

Isto é o mais difícil de tudo, para nós. Preferiria ser solicitado a levantar os mortos, restaurar a visão ou curar u'a mão enferma. Eu preferiria fazer qualquer coisa a amar meus inimigos e perdoar aqueles que me magoam ou magoam meus filhos, ou os filhos de meus filhos, e especialmente aqueles que riem e se alegram na brutalidade de machucar seus semelhantes.

Jesus Cristo foi a mais pura e única pessoa perfeita que já viveu. Ele foi a única pessoa, em todo o mundo, desde Adão até a hora presente, que merecia adoração, respeito, admiração e amor e, entretanto, foi perseguido, abandonado e morto. Mas, apesar de tudo isto, não condenou aqueles que o perseguiam.



A Última Ceia, de Carl Bloch. Original encontra-se na Capela do Castelo de Frederiksborg, Dinamarca. Usado com permissão do Frederikborgmuseum.

A Última Ceia, de Carl Bloch. Original encontra-se na Capela do Castelo de Frederiksborg, Dinamarca. Usado com permissão do Frederikcborgmuseum.

Quando nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram expulsos do Jardim do Éden, o Senhor ordenou-lhes que "adorassem ao Senhor seu Deus e que oferecessem os primogênitos dos seus rebanhos como oferta ao Senhor". (Moisés 5:5.) O anjo disse a Adão: "Isto é à semelhança do sacrifício do Unigênito do Pai, que é cheio de graça e verdade." (Moisés 5:7.)

Esse sacrifício servia de lembrete constante da humilhação e sofrimento a que o Filho se submeteria para nos resgatar. Era uma lembrança perene de que ele não abriria sua boca, de que seria levado como um cordeiro para o matadouro. (Ver Mosiah 14:7.) Foi uma lembrança constante da humildade, misericórdia e mansidão — sim, do perdão — que marcariam toda vida cristã. Por todas essas razões e muitas mais, os cordeiros primogênitos, limpos e sem manchas, perfeitos em todos os sentidos, eram oferecidos sobre aqueles altares de pedra, ano após ano, geração após geração, indicando-nos o grande Cordeiro de Deus, seu Filho Unigênito, seu Primogênito, perfeito e imaculado. (Ver I Pedro 1:19.)

Em nossa dispensação, devemos participar do sacramento — uma oferta simbólica que representa nosso coração quebrantado e espírito contrito. (Ver D&C 59:8.) Ao fazê-lo, prometemos "recordá-lo sempre e guardar os mandamentos...para que (possamos) ter sempre (conosco) o seu Espírito". (D&C 20:77.)

Os símbolos do sacrifício do Senhor, nos dias de Adão ou em nossa época, têm por finalidade ajudar-nos a lembrar que devemos viver em paz, em obediência e misericórdia. Essas ordenanças devem lembrar-nos que precisamos demonstrar o Evangelho de Jesus Cristo em nossa paciência e bondade humana, uns com os outros, como ele demonstrou isso por nós, naquela cruz.

Mas, através dos séculos, poucos têm sido os que usam essas ordenanças da maneira apropriada. Caim foi o primeiro a oferecer um sacrifício inaceitável. Como observou o Profeta Joseph Smith: "Deus...preparou um sacrifício no dom de seu próprio Filho que seria enviado no devido tempo para preparar o caminho ou abrir a porta pela qual o homem poderia entrar na presença do Senhor, de onde fora expulso por ser desobediente...Pela fé nessa expiação ou plano redentor, Abel ofereceu a Deus um sacrifício aceitável das primícias do rebanho. Caim ofereceu do fruto da terra, e não foi aceito, porque...não poderia exercer uma fé contrária ao plano celestial. A expiação em favor do homem tem de ser através do derramamento do sangue do Unigênito; e sem isso, não há remissão; e uma vez que o sacrifício foi instituído como um modelo por intermédio do qual o homem discerniria o grande Sacrifício que Deus havia preparado, era impossível exercer a fé em um sacrifício contrário, porque a redenção não foi conseguida dessa maneira, nem se instituiu o poder expiatório segundo essa ordem...Certamente, por verter o sangue de um animal, o homem em nada se beneficiaria, a menos que o fizesse para imitar, ou como modelo ou explicação do que seria oferecido por intermédio do dom do próprio Deus; e isso deveria ser feito com os olhos voltados para o futuro, tendo fé no poder desse grande sacrifício para a remissão dos pecados." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 58.)

Quantos, em nossos dias, um pouco semelhantes a Caim, voltam para casa depois de participarem do sacramento, e discutem com um membro da família, mentem, trapaceiam, ou brigam com os vizinhos!

Samuel, profeta em Israel, comentou a futilidade de se oferecer um sacrifício sem honrar o significado desse sacrifício. Quando Saul, rei de Israel, desafiando as instruções do Senhor, trouxe de Amaleque "o melhor das ovelhas e das vacas, para as oferecer ao Senhor (seu) Deus", Samuel, profundamente angustiado, clamou: "Tem por ventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros." (I Samuel 15:15, 22.)

Saul ofereceu sacrifício sem compreender o significado do que fazia. Os santos dos últimos dias que fielmente comparecem à reunião sacramental, mas nem por isso se tornam mais misericordiosos, pacientes ou perdoadores, fazem o mesmo que Saul. Executam as ordenanças mecanicamente, sem compreenderem os propósitos pelos quais tais ordenanças foram estabelecidas. Esses propósitos têm a finalidade de ajudar-nos a ser obedientes e mansos em nossa busca do perdão de nossos pecados.

Há muitos anos, o Élder Melvin J. Ballard ensinou que "nosso Deus é um Deus zeloso — zeloso caso ignoremos, esqueçamos ou consideremos sem importância as maiores dádivas que nos concedeu — a vida de seu Filho Primogênito". (Melvin J. Ballard, *Crusader for Righteousness*, Salt Lake City: Bookcraft, 1966, pp. 136-137.)

Assim, como termos certeza de que jamais ignoraremos, negligenciaremos ou nos esqueceremos da maior de todas as dádivas que nos foram concedidas?

Nós o fazemos demonstrando desejo de receber a remissão de nossos pecados, assim como nossa eterna gratidão por aquela que foi a mais corajosa de todas as orações: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." Nós o fazemos unindo-nos à obra de perdoar pecados.

"'"Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo", (Paulo nos ordena). (Gálatas 6:2)... A lei de Cristo, que é nosso dever cumprir, constitui-se em carregar a cruz. O fardo de meu irmão, que devo carregar, não é apenas sua situação externa (e circunstâncias)...mas, bem literalmente, seu pecado. E a única forma de carregar esse pecado é perdoando-o... Perdão é o sofrimento cristão, que é dever dos cristãos carregar." (Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 2ª edição, New York: Macmillan, 1959, p. 100.)

Certamente, a razão pela qual Cristo disse: "Pai, perdoa-lhes", é que, mesmo naquela hora terrível, ele sabia que essa era a mensagem que viera, através de toda a eternidade, transmitir. Todo o plano de salvação ter-se-ia perdido, caso ele se esquecesse de que, *apesar* da injustiça, da brutalidade, da maldade e da desobediência, mas precisamente *por causa* delas, viera para estender o perdão a toda a família humana. Qualquer pessoa pode ser agradável, paciente e magnânima em perdoar, num bom dia. O cristão tem de ser agradável, paciente e magnânimo em perdoar, todos os dias.

Há alguém em sua vida, que talvez necessite de perdão? Há alguém em sua casa, alguém em sua família, alguém entre seus vizinhos, que fez algo injusto ou maldoso, ou praticou um ato não cristão? Todos nós somos culpados desses tipos de transgressões; portanto, com toda a certeza, ainda há alguém que precisa do seu perdão.

E, por favor, não perguntem se é justo que o injuriado carregue o fardo do perdão pelo ofensor. Não perguntem se a "justiça" exige que as coisas sejam feitas ao contrário. Não, seja o que for que façam, não solicitem justiça. Vocês e eu sabemos que o que suplicamos é misericórdia — e é isto que precisamos estar prontos a conceder.

Podem perceber a trágica ironia de não concedermos aos outros o de que necessitamos tanto para nós mesmos? Talvez o ato mais elevado, mais santo e mais puro seria dizer, em face à maldade e à injustiça, que ainda mais verdadeiramente amam a seus inimigos, bendizem os que os maldizem, fazem bem aos que os odeiam, e oram pelos que os maltratam e perseguem. (Ver Mateus 5:44.) É esse o caminho exigente da perfeição.

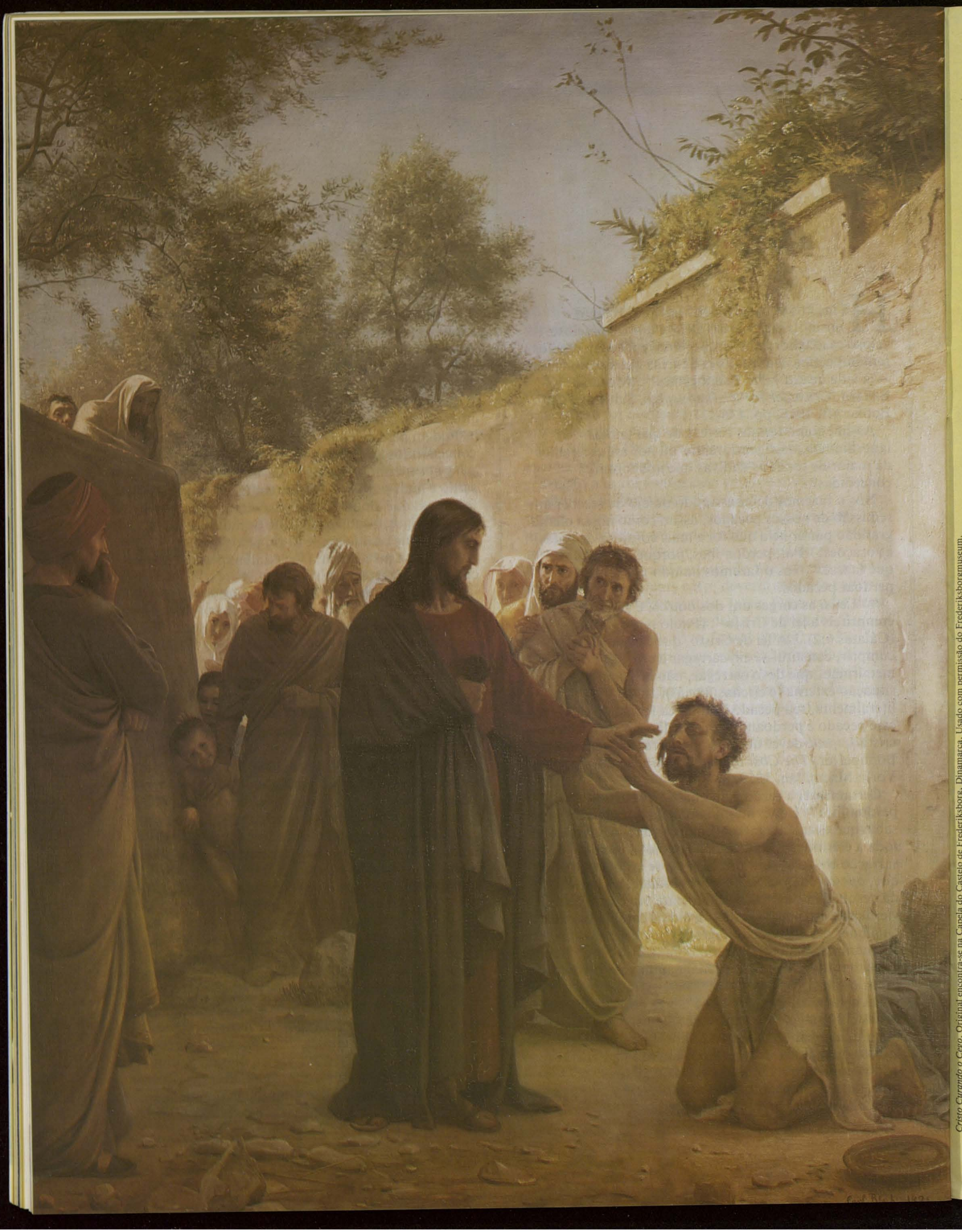
Um maravilhoso ministro escocês disse certa ocasião:

"Nenhum homem que não esteja disposto a perdoar seu próximo pode acreditar que Deus esteja disposto, sim, desejoso de perdoá-lo...Se Deus dissesse: "Eu te perdôo" a um homem que odiava seu irmão, e se (embora fosse impossível) aquela voz de perdão atingisse o homem, o que isso significaria para ele? Como o homem a interpretaria? Será que, para ele, não significaria: "Você pode continuar a odiar. Eu não me importo. Você recebeu uma grande provocação e seu ódio é justificado"?

Sem dúvida alguma, Deus considera o mal que foi praticado, e a provocação havida; mas, quanto maior a provocação, quanto mais desculpas para o ódio, maior razão...para o odiador (perdoar, e) ser libertado do inferno de sua ira." (*George MacDonald, An Anthology*, editado por C. S. Lewis, New York: Macmillan, 1947, pp. 6-7.)

Lembro-me de, alguns anos atrás, presenciar uma cena dramática, encenada no Aeroporto de Lago Salgado. Naquele dia, chegando de viagem, desci de um avião e caminhei em direção ao terminal. Tornou-se imediatamente óbvio que um missionário estava voltando para casa, porque o aeroporto se encontrava cheio de amigos e parentes de aparência missionária.

Tentei localizar a família imediata do rapaz. Lá estava o pai, que não parecia muito à vontade, num terno desajeitado e um pouco fora de moda. Ele



Cristo Curando o Cego. Original encontra-se na Capela do Castelo de Frederiksborg, Dinamarca. Usado com permissão do Frederiksborgmuseum.

parecia ser um homem da terra, queimado do sol e com mãos grandes e calejadas. Sua camisa branca estava um pouco puída, e provavelmente só era usada aos domingos.

Lá estava a mãe, um tanto magra, com a aparência de pessoa que trabalhara duramente toda a sua vida. Tinha nas mãos um lenço — e eu acho que fora um lenço de linho, mas agora parecia um lenço de papel. Estava quase em pedaços, com a expectativa da chegada que só a mãe de um missionário conhece.

Dois ou três de seus irmãos e irmãs mais novos corriam pelo aeroporto, esquecidos da cena que se desenrolava.

Passei por eles e comecei a dirigir-me para a frente do terminal. Então pensei comigo mesmo: "Esta é uma das situações dramaticamente especiais de nossa vida. Espere e aproveite." Então parei. Coloquei-me atrás da multidão, para observar. Os passageiros estavam começando a sair do avião.

Vi-me imaginando quem seria a primeira pessoa a separar-se do grupo, indo ao encontro do recém-chegado. Uma olhadela para o lenço da mãe convenceu-me de que, provavelmente, seria ela.

Vi o missionário que chegava começar a descer as escadas do avião. Sabia que era ele, pelas exclamações de entusiasmo do grupo. Ele parecia o Capitão Morôni, limpo, simpático, ereto e alto. Sem dúvida alguma, sabia do sacrifício que sua missão representara para o pai e para a mãe, e isso o tornara exatamente o tipo de missionário que parecia ser. Cortara o cabelo para a viagem de volta, seu terno estava usado, mas limpo, e a capa de chuva, ligeiramente gasta, ainda o protegia do frio contra o qual sua mãe tantas vezes o advertira.

Ele chegou ao pé da escada, começou a dirigir-se para o edifício do aeroporto, e então, como eu previra, uma pessoa não conseguiu esperar mais tempo. Não foi a mãe, não foi nenhuma das crianças, nem mesmo a namorada, que também o esperava. Foi o pai. Aquele homem gigantesco, ligeiramente desajeitado, sossegado e queimado de sol, desviando-se de um funcionário da companhia de aviação, saiu correndo e tomou o filho nos braços.

O missionário devia ter mais ou menos um metro e oitenta, mas o pai, homem grande, agarrou-o, levantou-o do chão e abraçou-o por um longo, longo tempo. Ele apenas o abraçou, sem dizer nada. O rapaz largou a maleta, colocou os dois braços ao redor do pai, e eles apenas se abraçaram, com muita força. Parecia que toda a eternidade parara, e, por um precioso momento, o Aeroporto de Lago Salgado foi o centro do universo inteiro. Foi como se todo o mundo tivesse ficado silencioso, por respeito a um momento tão sagrado.

E então pensei em Deus, o Pai Eterno, observando seu filho partir para servi-lo, para sacrificar-se, quando não precisava fazê-lo, pagando suas próprias despesas, por assim dizer, gastando tudo o que havia economizado a vida inteira. Naquele precioso momento, não foi muito difícil imaginar o Pai falando com alguma emoção àqueles que o podiam ouvir: "Este é o meu Filho Amado, em quem me comprazo." E foi também possível imaginar o filho triunfante, retornando e dizendo: "Está consumado. Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito."

Mesmo com minha limitada imaginação, posso visualizar aquela reunião nos céus. E oro por uma igual, para vocês e para mim. Oro pela reconciliação, e pelo perdão, e pela misericórdia, e pelo desenvolvimento cristão e pelo caráter cristão que devemos desenvolver, a fim de podermos gozar plenamente esse momento.

Assombro me causa que até mesmo para um homem como eu, cheio de egoísmo, transgressões, intolerância e impaciência, haja uma oportunidade. Mas, se ouvi corretamente as "boas novas", realmente existe uma oportunidade — para mim e para vocês, assim como para todos os que estão dispostos a continuar esperando, e a continuar tentando, concedendo aos outros o mesmo privilégio.

Surpreso estou que quisesse Jesus baixar
Do trono divino e minh'alma resgatar.
Que desse meu Mestre perdão a tal pecador,
P'ra justificar minha vida com seu amor.
Relembro que Cristo na cruz se deixou pregar;
Pagou minha dívida, posso eu olvidar?

Não! Não! E por isso ao seu trono orarei,
A vida e tudo o que tenho eu lhe darei...
Que assombroso é! Assombroso, sim!
(*Hinos*, nº 62.)

No nome sagrado de Jesus Cristo. Amém. □

Cristo Curando o Cego: Original encontra-se na Capela do Castelo de Frederiksborg, Dinamarca. Usado com permissão do Frederiksborgmuseum.

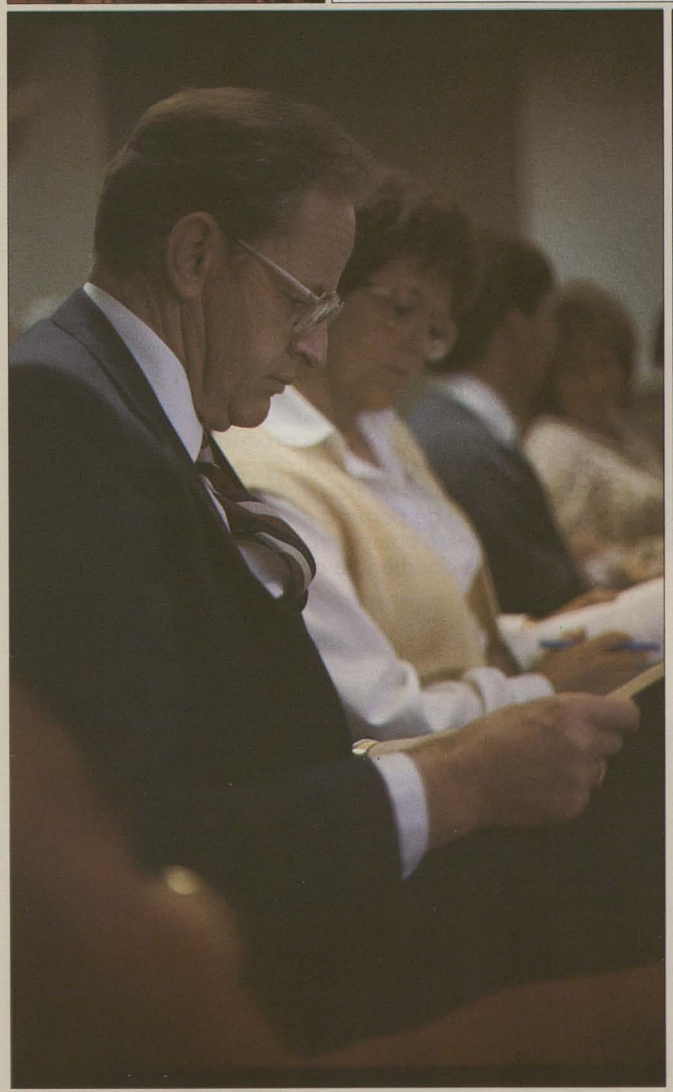
SEDE BELOS

A VOSSO PRÓPRIO MODO

"O Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (I Samuel 16:7.)

Bispo Robert D. Hales
Bispo Presidente

O BISPO



Freqüentemente vemos o bispo em sua função administrativa, sentado como oficial presidente do sacerdócio da ala, junto ao púlpito, durante as reuniões sacramentais; mas talvez não tenhamos consciência da sua relação pessoal com cada um de nós.

Nossos bispos visitam e atendem às necessidades das viúvas, dos pobres, dos doentes e dos mentalmente enfermos internados em clínicas e hospitais. O bispo também ouve muitos dos nossos problemas e ajuda-nos a encontrar soluções, sabendo que a oposição e as provações desta vida nos fortalecem e desenvolvem nossa fé e o livre-arbítrio.

Quem é o bispo? Quais são seu chamado, deveres e responsabilidades? Qual deve ser nosso relacionamento pessoal com nosso bispo?

As Chaves e Deveres de um Bispo

Se inicialmente compreendermos as chaves conferidas a um bispo quando ele é chamado, ordenado e designado para servir, poderemos compreender melhor qual deva ser nosso relacionamento com ele. (Estas mesmas informações geralmente também se aplicam aos presidentes de ramo em toda a Igreja.)

Presidente do Sacerdócio Aarônico

O ofício e chamado de um bispo é importante para cada membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Contudo, o chamado do bispo como presidente do Sacerdócio Aarônico tem um significado especial para os rapazes e moças. O bispo compreende que sua responsabilidade maior e mais importante é para com os rapazes do Sacerdócio Aarônico e com as moças na ala.

"O bispado é a presidência desse sacerdócio e possui as chaves ou a autoridade do mesmo." (D&C 107:15.)

"E também o dever do presidente do Sacerdócio Aarônico é presidir sobre quarenta e oito sacerdotes, assentar-se com eles em conselho, e ensinar-lhes os deveres do seu ofício, como é dado nos convênios;

Esse presidente deverá ser um bispo, pois este é um dos deveres desse sacerdócio." (D&C 107:87-88.)

Além de ser presidente do Sacerdócio Aarônico, o bispo possui outras quatro áreas de responsabilidade.

Sumo Sacerdote Presidente

"O bispo é o oficial presidente de sua ala...e os membros da ala estão sujeitos à sua presidência...

...sua posição deve ser respeitada e tida como sagrada pelos auxiliares...

...Em geral, o bispo dedica todo seu tempo ao aperfeiçoamento dos membros a quem preside. O bispo não deve procurar fazer todo o trabalho que precisa ser feito em sua ala." (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, pp. 165, 168.)

Devemos honrar nosso bispo e seguir seus conselhos. O bispo necessita de nosso apoio na administração dos negócios da Igreja e também para integrar os membros da ala com amizade e amor.

Juiz Comum

"E também, para com o auxílio de seus conselheiros a quem tiver escolhido ou escolher dentre os élderes da igreja, ser um juiz em Israel, cuidar dos negócios da igreja e ser o julgador de transgressores segundo os testemunhos que lhe forem apresentados de acordo com as leis.

Esse é o dever do bispo...

Assim, será ele um juiz, mesmo um juiz comum entre os habitantes de Sião..." (D&C 107:72-74.)

A função do bispo como juiz comum não é simplesmente ouvir nossas confissões e determinar as providências a serem tomadas com respeito a nossas transgressões. O bispo serve de conselheiro, quando lhe damos ouvidos. Ele pode auxiliar-nos a nos arrependermos ou a nos afastarmos das transgressões, de modo que possamos sentir-nos melhor a respeito de nós mesmos e ficar à vontade na presença do Espírito Santo, que nos guiará e consolará. No final, é o Senhor que nos perdoará, quando tivermos vencido nossas transgressões.

Cuidar dos Pobres — Serviços de Bem-Estar

"E o bispo...deve viajar...buscando os pobres para administrar-lhes suas necessidades, tornando humildes os ricos e orgulhosos." (D&C 84:112.)

"São-lhes dados (aos bispos) todos os poderes e encargos que o Senhor especificou em Doutrina e Convênios para assistência aos pobres...Ninguém mais é encarregado dessa responsabilidade, ninguém mais é investido com esse poder e funções...

Pela palavra do Senhor, o mandato para cuidar dos pobres da Igreja é conferido exclusivamente ao bispo...Qualquer auxílio que solicitar, ele continua responsável." (J. Reuben Clark, Jr., como citado por Marion G. Romney, "Papel dos Bispos nos Serviços de Bem-Estar", *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 107.)

Assuntos Temporais

"Portanto, o ofício de bispo é administrar todas as coisas temporais." (D&C 107:68.)

O bispo é responsável pela administração das finanças, registros e propriedades da ala.

O bispo recebe dízimos e ofertas dos membros da ala. Ao final de cada ano, nós procuramos o bispo e fazemos um acerto anual do dízimo, quando declaramos se somos ou não dizimistas integrais. Nossa disposição de pagar o dízimo é uma boa indicação de nosso comprometimento espiritual no que concerne à obediência dos mandamentos do Senhor.

Nosso Relacionamento Pessoal com o Bispo

Minha experiência fez-me compreender que nossa relação pessoal com o bispo geralmente é uma boa indicação de nosso relacionamento pessoal com o Senhor. O papel do bispo, em nossa vida, é o de um professor — conselheiro ou consultor. Com freqüência, consideramos procurar o bispo apenas quando temos um problema ou após termos feito alguma coisa errada. Mas uma entrevista com o bispo também pode ser uma ocasião para reexaminar nossos planos para o presente e para o futuro. Ajuda-nos a assumir compromissos com ele, de modo que possamos trabalhar em direção de nossos planos de ir para a missão e preparar-nos para o casamento no templo.

Seção Infantil

Ilustração de Scott Green

LÁGRIMAS E

Sandy Halverson

Cecília estava chorando outra vez. Ela não queria chorar, mas lágrimas quentes e compridas continuavam a correr-lhe pelo rosto. Desde que o pai morrera, no inverno passado, ela chorava quase sempre que ficava sozinha.

Hoje ela correra para casa, quando saíram da pequenina igreja dos pioneiros, e subira no celeiro de feno. Era um domingo antes da Páscoa, e sua aula da Primária fora sobre a Ressurreição. A Irmã Nadir lembrara à classe que, quando pessoas que nós amamos morrem, podemo-nos sentir consolados pela certeza de que elas viverão novamente e que poderemos estar com elas em alguma época futura. Cecília sabia que a Irmã Nadir estava falando especialmente para ela, e tentava ser boazinha, mas a professora simplesmente não compreendia! *De que adianta pensar em ressurreição, quando preciso do papai agora?* pensou.

Cecília fora muito apegada ao pai. Ele sempre dizia que ela era muito especial. Ele a chamava de "meu anjinho caído do céu". As lágrimas rolavam-lhe pelo rosto, e ela gritou: "Oh, papai, por que você tinha que morrer? Como poderei ser feliz novamente?"

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz vigorosa de seu irmão, Francisco, chamando-a da porta do celeiro. — Ceci! Ceci, você está aí dentro?

— Já vou, Francisco — disse Cecília vagarosamente, enxugando as lágrimas e começando a descer.

Francisco a esperava junto à escada. Levantou-a dos degraus, rodopiou com ela, e colocou-a no chão com delicadeza. — O que há com você, Ceci? — perguntou-lhe, abaixando-se para olhá-la nos olhos avermelhados. — Choveu novamente no celeiro?

Cecília sorriu-lhe e segurou a mão dele, enquanto saíram do celeiro. Ela amava Francisco. Ele era bondoso e gentil, como o papai, e Cecília sabia que ele compreendia sua tristeza e solidão. Imaginou se ele também sentia a falta do pai. Não tivera essa idéia antes, pois Francisco sempre parecera tão forte e seguro!

— Francisco — disse Cecília,

E NARCISOS

parando subitamente, — o que você faz, quando se sente triste e sozinho, com saudade do papai? Francisco andou vagarosamente até uma árvore e sentou-se. Cecília sentou-se ao lado dele. Ele ficou em silêncio por um momento, e parecia estar estudando os narcisos que o pai e Cecília haviam plantado no verão passado. Depois olhou Cecília nos olhos e falou suavemente. — Sentir saudade do papai é uma coisa natural, e provavelmente vai continuar acontecendo pelo resto de nossa vida, Cecília. Mas quando estou triste, procuro ocupar-me de alguma coisa que sei que faria papai feliz. Veja, eu sei que algum dia irei encontrar papai novamente, e desejo ser o tipo de homem que ele sempre quis que eu fosse. De alguma forma, isso parece tirar os pensamentos tristes de minha mente, substituindo-os por pensamentos felizes de quão orgulhoso papai vai estar de mim, quando eu o encontrar outra vez.

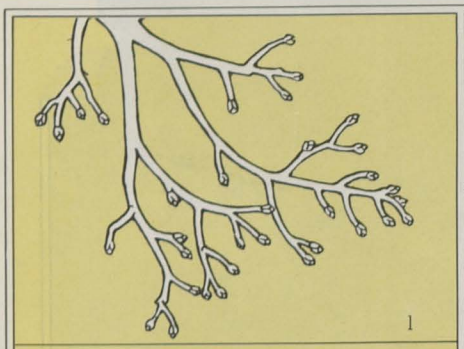
Cecília pensou nas palavras de Francisco, quando ele se levantou e foi em direção à pilha de lenha. Ela sabia que o pai ficaria triste, sabendo que a única coisa que ela fazia quando pensava nele, era chorar. Talvez se experimentasse o plano de Francisco, daria certo com ela também. Franziu a testa, tentando pensar em alguma coisa que pudesse fazer, para tornar o pai feliz e orgulhoso dela.

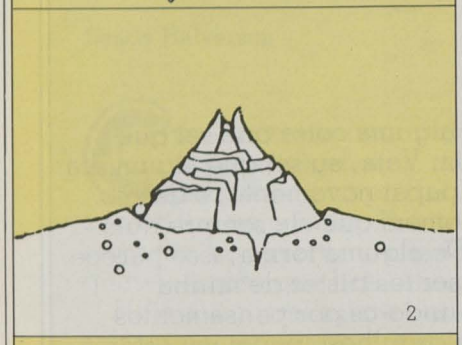
Num minuto Cecília estava de pé, correndo para alcançar o irmão. — Francisco — perguntou ela, enchendo os braços de gravetos, — você acha que poderíamos levar alguns narcisos para a Irmã Helena, esta tarde? Vi que ela não estava na igreja hoje, e talvez ficasse contente com uma visitinha. Poderíamos também levar-lhe alguns biscoitinhos!

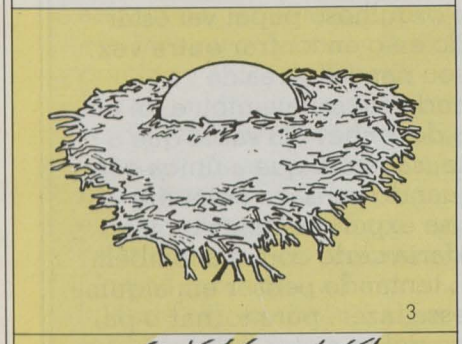
Francisco sorriu contente, e abraçou-a, aprovando: — Esta é a melhor idéia que ouvi nos últimos tempos!

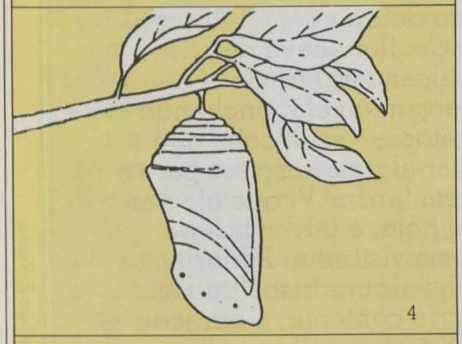
Mais tarde, enquanto Cecília apanhava as flores, percebeu que estava pensando no pai e sorrindo pela primeira vez, em muito tempo. Ela quase podia ver papai sorrindo também! □

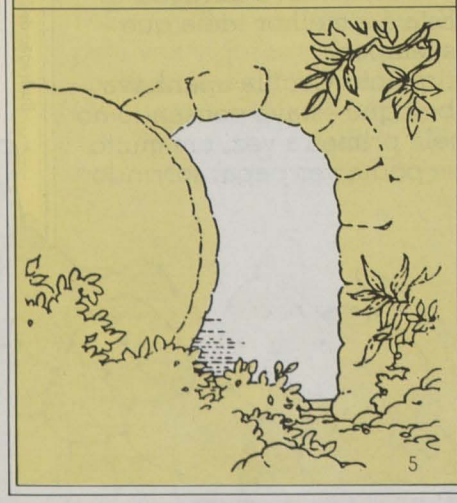
Ilustração de Julie F. Young


1


2


3


4


5

TESTEMUNHO

TEMPO DE COMPARTILHAR

Instruções: Este programa de Páscoa poderá ser apresentado por sua família. Distribua os papéis entre seus familiares e escreva o nome da pessoa escolhida no espaço em branco, ao lado de cada personagem. As partes com gravuras poderão ser designadas às crianças pequenas. Elas poderão acrescentar os recortes à gravura apropriada, quando apresentarem suas falas. (Gravuras: (1) ramo com brotos — botões, (2) bulbo — tulipas, (3) ovo — pássaro, (4) casulo — borboleta, (5) túmulo vazio — Jesus.) Se possível, faça cópias de todo o programa para cada pessoa. Os hinos poderão ser cantados por todos, ou alguns como solos. Se não tiver partitura musical, talvez o bibliotecário da capela possa ajudá-lo.

Hino: "Ressuscitou o Salvador" (*Cante Comigo*, F-17).

Narrador: A história da Páscoa é uma história de amor. O Pai Celestial nos ama tanto, que enviou seu Filho à terra para expiar nossos pecados. Jesus ama o Pai Celestial. Ele estava pronto a obedecer-lhe. E Jesus ama cada um de nós. Ele deu sua vida para que possamos ser perdoados, quando fazemos uma coisa errada e nos arrependemos.

Narrador: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (João 15:13.)

Narrador: Jesus morreu e depois ressuscitou, o que significa que ele viveu — e vive — novamente. Nós não compreendemos exatamente como Jesus pôde voltar a viver, por isso consideramos o fato um milagre. Há muitos milagres ao nosso redor, que nos ajudam a compreender a ressurreição de Jesus.

Narrador: O longo inverno é triste e frio,
Com plantas e brotos dormentes,
À espera que o sol os aqueça.
Da primavera o calor os faz reviver
Qual testemunho do milagre da Páscoa.
Que maravilha a estação primaveril:
Aves cantando, campinas verdejantes,
O mundo desperto em vida renovada,
Restaurando a plenitude da terra!

Hino: "Em Tudo Há Beleza" (*Cante Comigo*, G-6).

Gravura: Os brotos pequeninos viram botões numa árvore.

Gravura: Os bulbos secos, enterrados bem fundo, florescem novamente.

Gravura: O ovinho dentro de um ninho se transforma em passarinho.

Gravura: De um casulo castanho, escondido

O DE PÁSCOA

Pat Graham

debaixo de uma folha, sai uma bela borboleta.

Narrador: Esses pequenos milagres nos ajudam a compreender o maior de todos eles, a Ressurreição. Jesus levantou-se do túmulo, quando a pedra foi afastada, no dia de Páscoa.

Gravura: "Ele não está aqui, porque já ressuscitou." (Mateus 28:6.)

Narrador: Muita gente viu Jesus depois que ele ressuscitou. Contudo, não precisamos vê-lo para saber que está vivo. Quando guardamos os mandamentos e nos lembramos de Jesus, sentimo-nos bem. E esse sentimento bom é o início de um testemunho.

Narrador: "Ter testemunho de Jesus significa aceitar a missão divina de Jesus Cristo, abraçar seu evangelho e executar suas obras." ("Valentes no Testemunho de Jesus", Ezra Taft Benson, *A Liahona*, julho de 1982, pp. 100-101.)

Narrador: O coração dos homens estava dormente,
Não havia luz espiritual na terra.
E então, finalmente, os céus se abriram,
E a luz do evangelho despertou o mundo,
Como um glorioso testemunho da Ressurreição.
Algo maravilhoso aconteceu na primavera,
Quando Joseph contemplou o Pai e o Filho.
O mundo foi despertado, e o sacerdócio retornou à terra,
Restaurando o evangelho em sua plenitude.

Narrador: Joseph Smith nos fala da visão que teve: "Vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: *"Este é o meu Filho Amado. Ouve-o!"* (Joseph Smith 2:17.)

Hino: "Em Perfeita Fé" (*Cante Comigo*, B-16).

Narrador: Somos abençoados por termos o evangelho restaurado em nossos dias. Quanto mais aprendemos sobre os ensinamentos de Jesus, mais cresce nosso testemunho.

Criança: Sei que Jesus vive e que ele me ama.

Criança: Sei que Joseph Smith foi um profeta e que, através dele, o evangelho foi restaurado.

Criança: Sei que posso ser feliz, guardando os mandamentos.

Criança: Sei que meu Pai Celestial vive e que ele me ama.

Hino: "Eu Sei que Deus Vive" (*Cante Comigo*, B-39).

Porque eu vivo, e vós vivereis.

(João 14:19.)

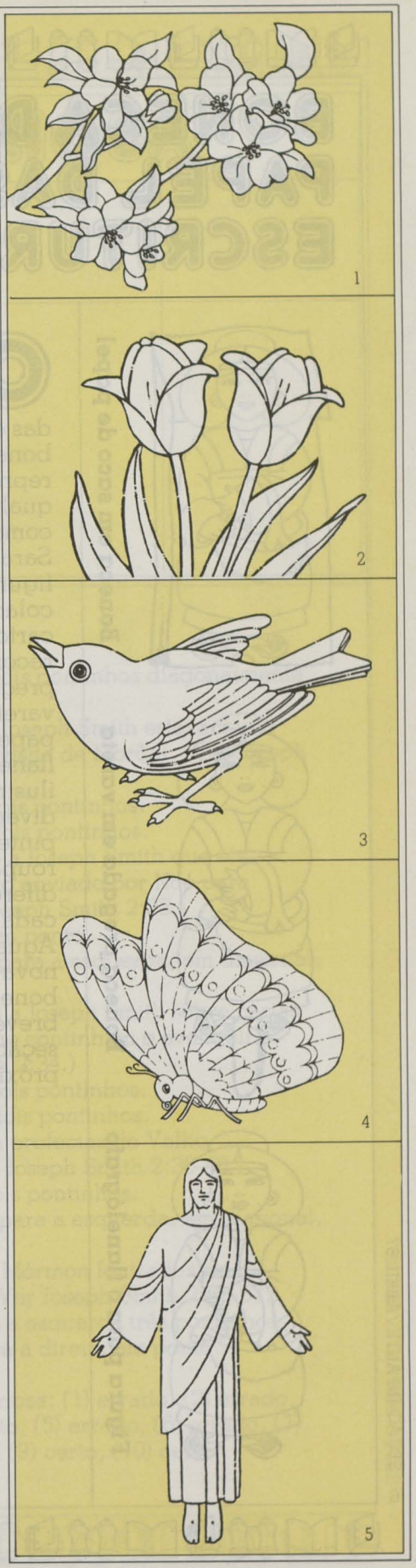


Ilustração de Beth M. Whittaker

BONECA DE PAPEL DAS ESCRITURAS

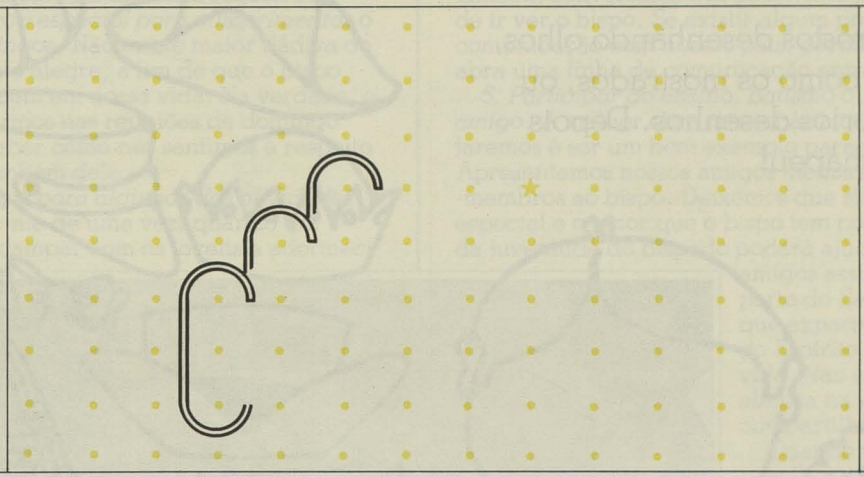
Boneca em saco de papel

Boneca pregada em vareta

Figura para o flanelógrafo

Quando relatar histórias das escrituras, esta boneca poderá representar qualquer mulher, como Rebeca, Sara e Isabel. A figura deverá ser colada em cartolina, pintada, recortada e depois pregada numa vareta, em saco de papel, ou usada no flanelógrafo, como ilustrado. Faça diversas bonecas e pinte o cabelo e as roupas em cores diferentes para cada uma. Aguarde uma nova figura ou boneco para breve, nesta seção, em um próximo número.

GRAVURA MISTERIOSA



Leia cada sentença e decida se ela é correta ou errada. Depois, começando pela estrela ligue os pontos, como instruído pela resposta correta. Se escolher a resposta certa todas as vezes, desenhará uma coisa muito importante.

1. Depois de ler o Livro de Mateus, Joseph Smith decidiu orar a respeito de que igreja aceitar. (Ver Joseph Smith 2:11.)

Certo: Ligue três pontinhos para a direita.

Errado: Mova-se três pontinhos para a esquerda.

2. Joseph Smith foi instruído a unir-se a qualquer igreja que desejasse. (Ver Joseph Smith 2:19.)

Certo: Suba um pontinho.

Errado: Siga para baixo e para a esquerda, em diagonal, dois pontinhos.

3. Joseph Smith tinha quatorze anos, quando teve a Primeira Visão. (Ver Joseph Smith 2:23.)

Certo: Desça dois pontinhos.

Errado: Vá dois pontinhos para a esquerda.

4. Joseph Smith recebeu um forte testemunho da realidade e divindade do Pai Celestial e de Jesus, que ele jamais negou. (Ver Joseph Smith 2:25.)

Certo: Vá três pontinhos para a direita.

Errado: Desça dois pontinhos.

5. Joseph Smith havia esquecido de fazer suas orações na noite em que Morôni lhe apareceu. (Ver Joseph Smith 2:29-30.)

Certo: Desça para a direita um pontinho.

Errado: Suba dois pontinhos diagonalmente para a direita.

6. O quarto de Joseph Smith estava muito escuro durante a visita de Morôni. (Ver Joseph Smith 2:32.)

Certo: Desça dois pontinhos.

Errado: Suba dois pontinhos.

7. Morôni disse a Joseph Smith que ele, Morôni, havia sido enviado por Noé para ensiná-lo. (Ver Joseph Smith 2:33.)

Certo: Desça um ponto.

Errado: Desça para a esquerda, em diagonal, dois pontinhos.

8. Morôni falou a Joseph Smith sobre certas placas de ouro que continham o evangelho. (Ver Joseph Smith 2:34.)

Certo: Desça dois pontinhos.

Errado: Suba dois pontinhos.

9. Morôni citou profecias do Velho Testamento. (Ver Joseph Smith 2:36-40.)

Certo: Suba dois pontinhos.

Errado: Desça para a esquerda, em diagonal, dois pontinhos.

10. O Livro de Mórmon foi traduzido de placas de ouro. (Ver Joseph Smith 2:66-67.)

Certo: Vá para a esquerda três pontinhos.

Errado: Vá para a direita um ponto.

Gravura Misteriosa: (1) errado, (2) errado, (3) certo, (4) certo, (5) errado, (6) errado, (7) errado, (8) certo, (9) certo, (10) certo.

FAÇA UM ROSTO

Complete os rostos desenhando olhos, nariz, e boca como os mostrados, ou crie seus próprios desenhos. Depois coloque um chápeu!

Donna Lugg Pape

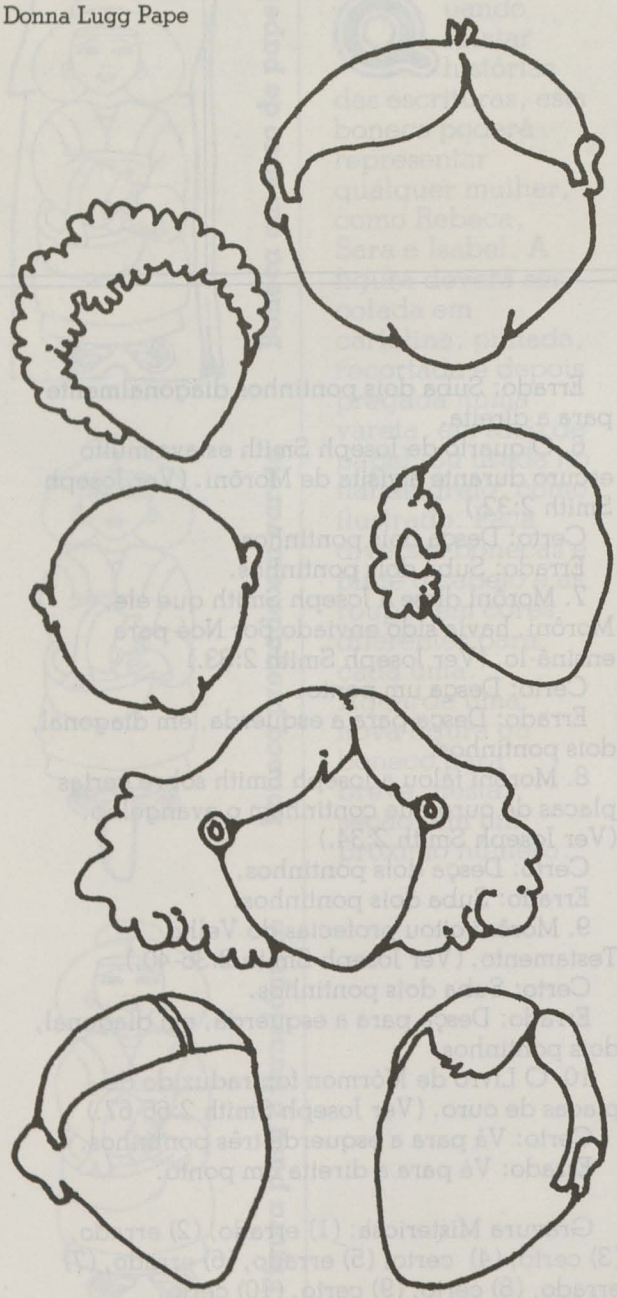
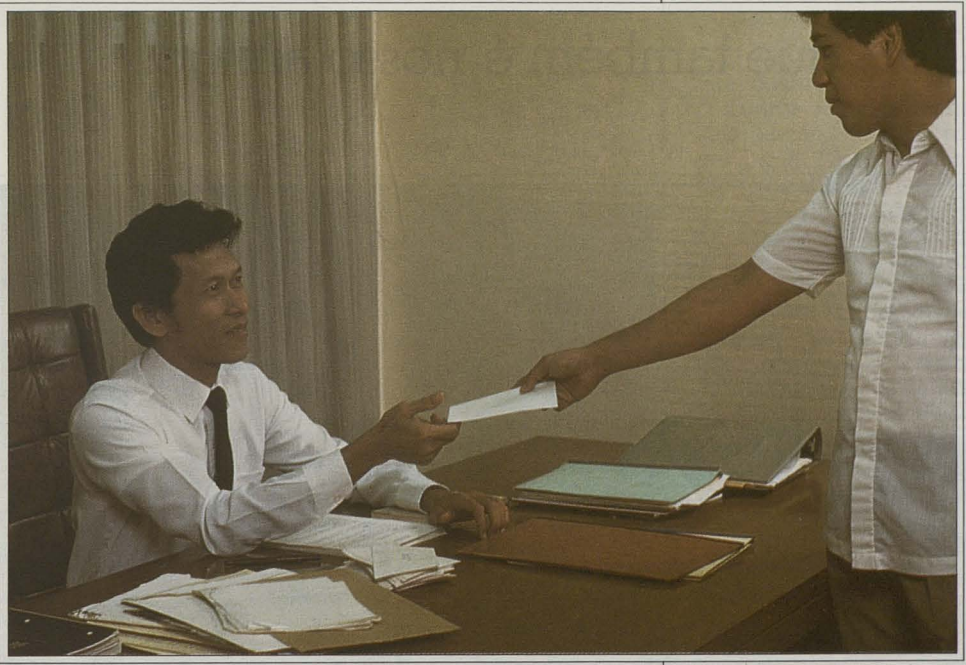


Ilustração de Donna L. Pape

Como podemos auxiliar o bispo e melhorar nosso relacionamento com ele? Eis algumas sugestões:

1. Fazer um esforço especial para cumprimentar o bispo todos os domingos. Não existe maior dádiva do que um cumprimento alegre, a fim de que o bispo saiba que vai tudo bem em nossa vida. Na verdade, o simples fato de estarmos nas reuniões de domingo ajudará o bispo a saber como nos sentimos a respeito de nós mesmos e também dele.

2. Convidar o bispo para algumas das atividades dos jovens. Lembro-me de uma vez, quando era bispo, em que fui acampar com os jovens e adormeci



no fundo do ônibus. Em algum lugar existe um retrato meu, dormindo com a boca aberta, e com uma flor do campo dentro dela. Meus filhos tomaram parte na brincadeira. Todos nós nos sentimos mais unidos, quando os jovens conseguiram tirar-me de meu terno escuro e se divertiram comigo. Se o bispo souber o quanto desejamos estar com ele, tentará encontrar tempo para participar de nossas atividades especiais.

3. Convidar o bispo, ocasionalmente, para participar de nossas reuniões e aulas do quorum. Alguns de meus contatos mais proveitosos com a juventude, têm sido quando os jovens preparam perguntas, antecipadamente, para debater com o bispo durante determinada aula. Embora o bispo tenha a designação específica de se reunir com o quorum de sacerdotes todos os domingos, ele poderá, de tempos em tempos, reunir-se também com os outros.

4. Marcar uma entrevista com o bispo quando estivermos preparados para conversar com ele a respeito de nossas metas na vida. Não temamos conversar confidencialmente com o bispo sobre nossas metas e nossas preocupações. Seria bom que também conversássemos com nosso pai e mãe, antes de ir ver o bispo. Se existir algum problema de comunicação com nossos pais, permitam que o bispo abra uma linha de comunicação entre nós e eles.

5. Participar do ensino, batismo ou ativação de um amigo. A melhor obra missionária que jamais faremos é ser um bom exemplo para nossos amigos. Apresentemos nossos amigos menos ativos ou não-membros ao bispo. Deixemos que sintam o carinho especial e o amor que o bispo tem por eles. O comitê da juventude do bispado poderá ajudar-nos a trazer amigos assim, para mais perto do Senhor, a fim de que experimentem o dom do Espírito Santo em sua vida. Não existe maior alegria na vida do que compartilhar o evangelho.

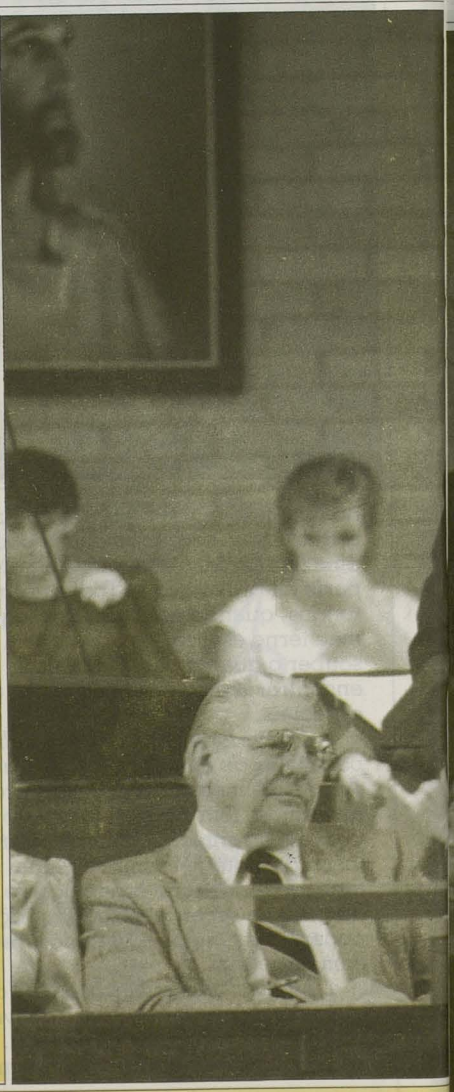
Quando servi como bispo, o melhor relacionamento que tive com os jovens foi quando confiávamos um no outro, e nos comunicávamos abertamente. Por exemplo, desenvolvi um método que requeria a participação dos rapazes, para determinar sua dignidade em ministrar o sacramento. Discutimos o sacramento como uma ordenança sagrada, e a obrigação dos portadores do Sacerdócio Aarônico de serem dignos de ministrá-la. Ao invés de deixar ao bispo o encargo de determinar quem era digno de participar, solicitei a cada diácono, mestre ou sacerdote que me procurasse, caso achasse que não estava em condições de fazê-lo. Então trabalhávamos juntos para resolver o problema antes que crescesse demais. Desenvolvemos um bom relacionamento, edificado sobre a confiança.

Outro exemplo foi com as moças. Quando cada uma delas atingia seu décimo-sexto aniversário, examinávamos juntos suas idéias e preocupações a respeito de namoro. Depois, considerávamos suas metas eternas e as incentivávamos a discuti-las com os pais e a se lembrarem delas quando saíssem com algum rapaz. Com o passar dos anos, muitas jovens contaram-me como fora útil a lembrança de sua "entrevista de dezesseis anos com o bispo" e dos compromissos assumidos consigo mesmas e com o Senhor, a fim de alcançarem suas metas eternas.

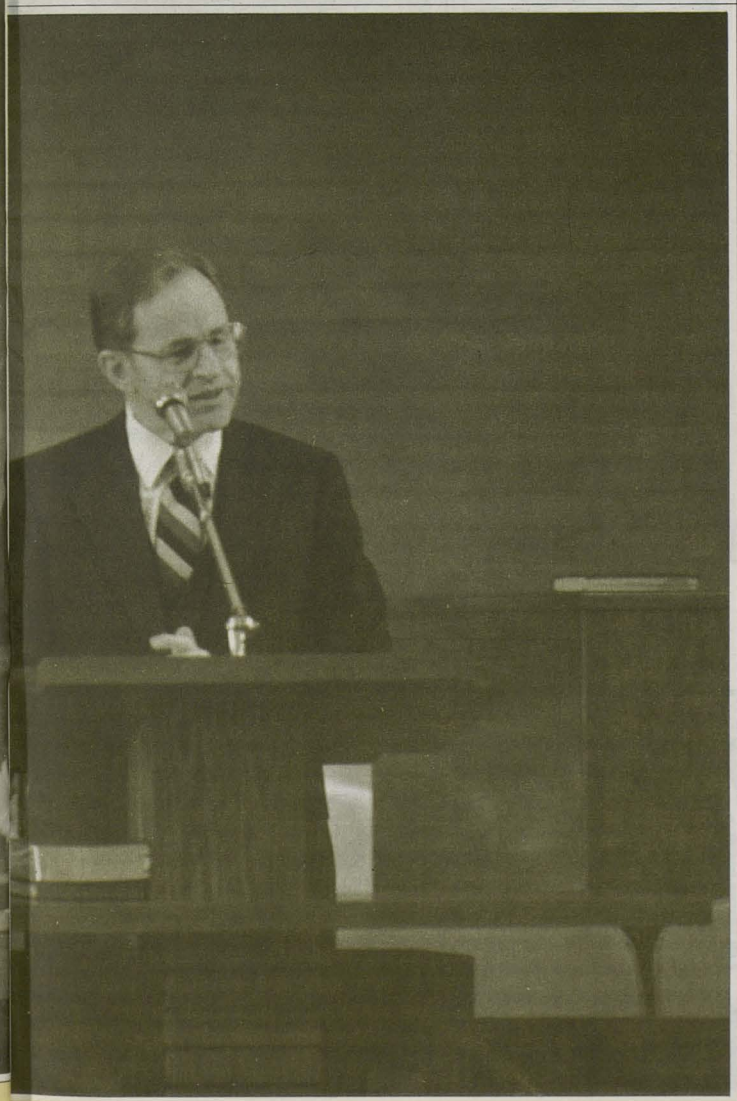
Agora gostaria de dizer-vos mais uma coisa. Já servi como bispo três vezes, e toda vez fui um tipo diferente de bispo! Não apenas passei por diferentes experiências, dependendo de minha idade e estágio na vida, mas cada vez que servi, as necessidades diferiam entre os membros, individualmente, e na

O bispo está lá para nos ajudar, para nos guiar, nos ouvir, guardar nossas confidências e fortalecer-nos em nosso relacionamento com o Senhor, que também é nosso amigo.

O chamado de um bispo é importante para cada membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Contudo, o chamado do bispo como presidente do Sacerdócio Aarônico tem um significado especial para os rapazes e moças. O bispo compreende que sua primeira e mais importante responsabilidade é para com os rapazes do Sacerdócio Aarônico e para com as moças na ala.



Fotografia de Jed Clark e Brian Wilcox



ala, como um todo.

Houve ocasiões em que precisei demonstrar compaixão e misericórdia. Outras, em que tive de ser firme. Algumas alas necessitavam de ajuda na parte financeira, outras com a parte organizacional, e outras ainda, apenas precisavam de solidariedade. Mas isso eu descobri: o bispo é chamado por Deus para atender às necessidades particulares, durante o tempo que serve nessa capacidade.

O mesmo acontece com o bispo quando ele trabalha com pessoas. Ele está lá para nos ajudar, para nos guiar, para nos ouvir, guardar nossas confidências, e fortalecer-nos em nosso relacionamento com o Senhor, que também é nosso amigo. O bispo pode simplesmente necessitar infundir-nos confiança e lembrar-nos de nossas metas e promessas: orar, ler as escrituras, guardar os mandamentos, prestar serviço a nossos semelhantes, e fortalecer nosso testemunho.

Mas, como nosso amigo, nosso conselheiro e nosso juiz, ele poderá precisar chamar-nos ao arrependimento, da mesma forma que o Senhor nos ordena que nos arrependamos e nos lembra das conseqüências do pecado. O bispo faz isto *porque* nos ama, porque deseja que sobrepujemos nossos problemas. É um ato de amor, uma oportunidade de solucionar o que é preciso. Já que procuramos o bispo, não resistamos aos seus conselhos. O Senhor o inspirará e orientará, a fim de que ele possa encontrar as respostas de que necessitamos.

Devemos "receber os conselhos daquele que designei", diz o Senhor. "...não resistas à minha voz." (D&C 108:1-2.)

Sim, o bispo é um homem ocupado. Ele tem sua família e sua profissão, das quais deve cuidar, além da ala. Ele precisa ajudar as pessoas a resolverem uma infinidade de problemas. Mas lembrem-se de que ele os ama e deseja ajudá-los a atingir suas metas eternas.

Servir como bispo proporcionou-me grandes alegrias, especialmente em minha convivência com a magnífica juventude de nossa igreja. Vós sois os líderes de amanhã, que algum dia serão bispos ou esposas de bispos. Que o Senhor vos abençoe, a fim de que estejais prontos para esse dia. Como diz o hino: "Por nosso ideal sublime, para a frente, irmãos! Eia! Sus!" (*Hinos*, nº 29.) □

CRESCENDO EM DIREÇÃ

ÃO AO BEM

Richard G. Ellsworth

Não faz muito tempo, estava conversando com uma de minhas filhas casadas. Debatíamos uma experiência espiritual vivida por um de nossos antepassados, e ela me perguntou: "Como é que os pioneiros parecem ter tido tantas experiências espirituais, e nós temos tão poucas? Não deveríamos passar pelo mesmo tipo de experiências que eles tiveram?"

Talvez vocês também tenham ponderado o mesmo assunto. A maioria de nós o faz, num momento ou em outro de nossa vida. Desejo prestar-lhes testemunho da realidade, da disponibilidade e do propósito e lugar das experiências espirituais em nossa vida. Desejo prestar-lhes testemunho de que a experiência espiritual é uma realidade, e que está ao nosso alcance, e que nos proporciona a verdade e o poder capaz de afetar e transformar nossa vida, se nos colocarmos em posição de recebê-la. Existe uma dimensão espiritual. Na verdade, nossa dimensão mortal é apenas uma pequena parte da realidade muito maior que nos cerca e nos contém, a qual está muito além de nosso conhecimento. Dentro de nosso corpo, habita o nosso espírito — ser celeste programado para reagir à dimensão espiritual.

Talvez pelo fato de o mal ser mais chocante para nossos sentidos espirituais, notamos sua presença facilmente. Podemos, com freqüência, perceber os maus pensamentos ou más intenções daqueles que nos cercam.

Nosso Espírito Recua diante do Mal

Lembro-me de, quando era jovem, e saí de casa para prestar serviço militar na Marinha dos Estados Unidos. Minha avó advertiu-me de que o Espírito do Senhor não me acompanharia a lugares onde existisse o mal. Esse fato eu tive oportunidade de verificar repetidas vezes, nas ocasiões em que meus deveres exigiam que eu estivesse em locais onde o mal reinava no coração dos homens. Nós, isto é, nosso espírito, recua diante do mal, pelo menos nós recuamos até nos tornarmos tão acostumados à sua presença, que perdemos a capacidade de nos chocarmos com ele, e, de fato, nos tornarmos insensíveis à sua presença.

O bem pode ser percebido tanto quanto o mal, mas, por não ser tão chocante ou traumatizante, torna-se mais fácil não notá-lo. Contudo, o bem é poderoso, mais poderoso do que o mal. O bem é sagrado. É tão gratificante ser honesto. E todos nós não conhecemos o doce alívio que nos traz o fato de sermos perdoados? O perdão é divino. O arrependimento é um princípio importante do Evangelho de Jesus Cristo, pois ele nos limpa e torna a colocar nosso espírito em sintonia com aquilo que é bom. O bem, inevitavelmente, testifica de Jesus Cristo, e nosso testemunho das verdades eternas fica fortalecido.

Testemunho da Verdade

Por exemplo, recebi o testemunho da veracidade do Livro de Mórmon quando era jovem, porque senti o desejo de ser protegido do mal por um escudo do bem. Foi durante a II Guerra Mundial. Eu era um jovem marinheiro designado para a Base Aérea Naval de Anacostia, em Washington, D.C.

Uma de minhas tarefas era ajudar a preparar filmes de treinamento para identificar formas e contornos de navios e aviões inimigos. Esses filmes eram feitos num galpão bem grande, parecido com um celeiro, e que possuía um palco grande e plano, cheio de modelos, esboços, formas e outros aparelhos.

A maior parte do tempo estávamos muito ocupados, mas chegou uma época, quando se aproximava o fim da guerra, em que passávamos semanas sem qualquer designação. Finalmente, todos os participantes desse trabalho foram enviados para outras tarefas, mas, por alguma razão, eu fiquei sozinho no edifício, creio que para tomar conta do equipamento.

A princípio, apreciei minha liberdade. Era ótimo não ter nada para fazer. Toda a eletricidade do prédio havia sido desligada, com exceção de uma tomada onde ligava um pequeno abajur, que ficava no canto de uma mesa. Havia uma cadeira dura de madeira onde podia sentar-me, se o desejasse. Todo o resto do edifício permanecia em escuridão total. Assim, durante alguns dias, eu abria a porta para deixar entrar a luz do sol, e me sentava na soleira,

Ilustração por Jerry Thompson

O bem pode ser percebido tanto quanto o mal, mas, por não ser chocante ou traumatizante, torna-se mais fácil não notá-lo. Contudo, o bem é poderoso, mais poderoso que o mal.

na velha cadeira, aproveitando ao máximo minha liberdade. Mas logo comecei a sentir-me terrivelmente aborrecido.

Eu fora criado na Igreja, por pais cuidadosos que me haviam ensinado o evangelho, mas nunca lera o Livro de Mórmon de capa a capa. Um dia, estando lá sentado sem fazer nada, decidi que era uma boa oportunidade para que eu o lesse. Assim, naquela tarde, peguei minha pequena edição do Livro de Mórmon, especial para militares, e, desejando privacidade, entrei no prédio, acendi a pequena lâmpada que se encontrava na mesa, e me pus a ler. Lembro-me de que fui atingido por aquelas primeiras palavras: "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família..." (1 Néfi 1:1.)

Infundindo Confiança à Minha Alma

Com o passar dos dias, fui lendo palavra por palavra. Minha alma, programada como estava para receber o bem e a verdade, começou a reagir aos testemunhos dos profetas. Jamais tivera experiência semelhante! Eu lia devagar, fervorosamente, saboreando cada palavra, desejando que nunca mais terminasse. Em meu coração, percebia sentimentos dos quais jamais tivera consciência antes. E quando, finalmente, li a admoestação de Morôni, no fim do livro, senti em meu coração um grande desejo de pôr suas palavras à prova, de pedir uma confirmação espiritual ainda maior do que aquilo que eu estava sentindo. Lembro-me de fechar as portas do vasto edifício e trancar-me lá dentro, ajoelhando-me no escuro, naquele chão frio de cimento, com a testa apoiada no duro assento de madeira da velha cadeira, dizendo ao Senhor que eu acreditava nas palavras de Morôni, pedindo-lhe que fortalecesse minha crença, transformando-a em conhecimento.

Jamais me esquecerei do que aconteceu; senti a mesma coisa muitas vezes, desde aí. Tive consciência de que estava cercado por um poder além de mim mesmo, que entrou em mim e permeou todo o meu ser. Estava ali me circundando, calmo, claro e indescritivelmente poderoso. Parecia-me branco e delicioso, como o fruto da Árvore da Vida descrito por Néfi (ver 1 Néfi 8:15). Apossou-se completamente de mim e não me deixou até alguns dias mais tarde. Não foi chocante nem perturbador como é o poder do mal, mas doce e infundiu confiança à minha alma. Eu sabia que o livro era verdadeiro.

À Disposição de Todos Nós

Um testemunho assim, uma confirmação espiritual real, está sempre à disposição de todos nós, não importa onde e quando vivamos. Não precisamos ter sido pioneiros para saber que o Livro de Mórmon é verdadeiro ou que o evangelho é verdadeiro, mas ser espiritualmente acessíveis e espiritualmente conscientes. Tenho certeza de que o Senhor atua através de nós, sejamos espiritualmente conscientes ou não, mas eu acho que é uma pena não ouvirmos a música e não apreciarmos a orquestração. E não devemos temer tais coisas, ou nos afastarmos delas; pelo contrário, devemos desejar conhecê-las. São nossas por direito de herança e desempenho. Como santos dos últimos dias, realizamos as ordenanças, ou pelo menos algumas delas, e recebemos o dom do Espírito Santo, o qual nos dá direito a experiências espirituais. Mas é preciso para que vivamos essas coisas.

O tipo de rica experiência espiritual de que estamos falando não pode ser obtido sem o esforço de nossa parte. É necessário que haja propósito, necessidade e uma grande determinação apontada para a retidão. É preciso que haja humildade e um grande desejo.

Ah, como desejei ter o espírito de inteligência

Todos os dias, a cada momento, escolhemos o bem ou o mal. Se não decidimos crescer em direção ao bem, escolhemos crescer em direção ao mal.

pura que, com tanta constância, tomava conta de meu avô, quando ele ensinava o Evangelho de Jesus Cristo! Como orei por ele e como desejei a sensibilidade espiritual de meu bisavô, que viu anjos e conversou com Deus. E quando vivi da melhor forma possível, senti essas coisas, da mesma forma que meu pai e meu bisavô as sentiram. Nós recebemos a promessa e o poder de romper o véu da mesma forma que o irmão de Jared, Morôni, Néfi, Paulo ou Joseph Smith, ou como meu pai ou meu bisavô, e quando isto acontece, a experiência é doce, rica e inesquecível.

Eu Vi Meu Filho antes de Nascer

Certa noite, anos atrás, minha mulher e eu estávamos sentados, sozinhos. As crianças todas dormiam em suas camas, e nós aguardávamos o nascimento de mais um bebê. Minha mulher, adiantada em sua gravidez, estava sentada junto à mesa. Conversávamos tranqüilamente, sabendo que o bebê chegaria naquela noite. As luzes eram suaves, e havia um sentimento de amor entre nós dois e pelo nosso filho que ia nascer. Lembro-me de olhar para minha mulher — ela estava numa cadeira de balanço, com os olhos fechados, suas pálidas mãos brancas sobre a cintura distendida. O cálido sentimento que havia na sala cresceu e persistia. Era muito forte. Eu indaguei: — Você também está sentindo isso à nossa volta? — e ela respondeu: — Estou. — Era muito bom estar ali com ela. Havia uma doce intimidade, uma união que mal posso descrever.

— Você sabe? — disse eu. — Vamos ter um filho.

— Eu sei — replicou ela. — Vai ser um menino.

E então o véu rompeu-se para mim, e eu vi nosso filho, de pé, esperando, a uma pequena distância da cadeira em que minha mulher se balançava. Ele era alto e bem formado, mais alto e maior, pareceu-me, do que a sala comportava. Havia poder em sua pessoa, grande poder e bondade, paciência e amor.

Perguntei: — Você o vê ali, de pé ao seu lado?

Novamente ampliou-se o sentimento cálido de intimidade e união. Ela olhou para mim, confiante, um tímido sorriso em seus lábios. — Não preciso vê-lo — disse. — Sei que ele está aqui.

Meus irmãos e irmãs, a experiência espiritual é real, e está à nossa disposição para nos fornecer conhecimento e poder para afetar, controlar e modificar nossas condições. Por exemplo, a oração é, ou deveria ser, uma experiência espiritual. Recebemos a promessa de revelação através da oração, e como necessitamos de ajuda de além do véu em nossa vida diária, em nossas idas e vindas, em nossas decisões e convivências, em nosso namoro, noivado, casamento ou quando somos pais ou mães! Essas coisas são eternas, e têm influência em nosso desempenho eterno e em nossa exaltação.

Não Estamos Sozinhos

Quão freqüentemente minha mulher e eu nos ajoelhamos em oração, buscando informações e confirmação a respeito de necessidades e decisões que temos de tomar como pais. E com que freqüência temos recebido respostas, às vezes em forma de transformação de sentimentos, outras vezes como sutis sugestões e percepção, e ainda outras como uma visão, mostrando-nos a vida de nossos filhos, até mesmo os próprios eventos e situações que eles tiveram de enfrentar e resolver. Muitas vezes sentimos necessidade de consolo e segurança, e nós os temos recebido, não apenas uma vez, mas repetidamente.

Presto-lhes testemunho de que o Senhor procura fazer parte de nossa vida. Ele programou nossa condição mortal de modo que pudéssemos ter e conhecer a verdade além dos limites de nossa mortalidade. Não estamos sozinhos. Como devemos ser gratos pelos convênios e ordenanças e poder do

sacerdócio! As ordenanças e os convênios são os meios pelos quais podemos ligar-nos com o que está além do véu, assegurando bênçãos nesta vida e além dela. Quando guardamos nossos convênios e obedecemos às ordenanças, as conseqüências eternas são inevitáveis. O Senhor afirma que está obrigado quando fazemos o que ele diz, e o Senhor não mente.

O Senhor Confia em Nós

Como o grande exemplo e como um Pai amoroso, o Senhor nos confia um poder espiritual que vai muito além de nossa compreensão. O sacerdócio é a autoridade para usar o poder de Deus em todas as coisas, em benefício da humanidade. O sacerdócio é discernimento. Usado corretamente, é sempre decisivo. Ele contém um poder redentor muito grande, que permite uma reavaliação, um novo julgamento de determinada situação, e uma conseqüente mudança, segundo esse discernimento. Mas é preciso que tenhamos a coragem de usar esse poder espiritual. Não podemos colocar-nos de lado e simplesmente orar pela pessoa que solicita a bênção. O poder do sacerdócio está sempre disponível e presente.

Muitas vezes senti o poder do sacerdócio, um poder além de mim mesmo, passando através de mim para a pessoa que está sendo abençoada. Lembro-me de abençoar uma jovem mãe que buscava forças para suportar uma gravidez difícil. Ela possuía grande fé e, ao abençoá-la como seu bispo, senti o poder descendo por meus braços, passar por meus dedos e fluir para a sua cabeça. Senti-o percorrendo o corpo dela, até a ponta dos dedos de seus pés. Foi uma força poderosa, purificadora, rejuvenescedora, quase elétrica em sua energia, e ainda assim calma e reconfortante. Após a bênção, ela levantou-se e, com lágrimas nos olhos, disse: "Senti-a até a ponta de meus pés."

A Escolha Diária entre o Bem e o Mal

É preciso, porém, que entendamos que, a fim de estarmos alerta para tais coisas, a fim de conhecê-las, experimentá-las e usá-las em nossa vida, temos de colocar-nos na posição de recebê-las. E, na verdade, nós nos posicionamos todos os dias, a todos os momentos, para o bem ou para o mal. Não existe momento neutro, não existe terreno neutro. As profundidades e a intensidade da dimensão espiritual nos cercam de todos os lados. Dentro delas vivemos, movemo-nos e temos nosso ser. Todos os dias, a cada momento, escolhemos o bem ou o mal; colocamo-nos onde desejamos estar, conscientemente ou não. Se não decidimos crescer em direção ao bem, escolhemos crescer em direção ao mal. Não permanecemos parados, e não é possível fazê-lo. É por esse motivo que o Senhor afirmou que quem não é por ele, é contra ele.

E assim, quando minha filha questionou se nós, em nossos dias, não deveríamos ter o mesmo tipo de experiências espirituais que tinham os pioneiros, ela estava realmente fazendo uma observação a respeito de nossa posição espiritual. O evangelho é o mapa da estrada. Ele contém todas as informações e todas as instruções. Indica-nos como nos colocar na posição certa para recebermos percepção e experiências, conhecimento e poder redentor, que são nossos por direito, nesta vida. "Em outras palavras", diz o Senhor, "dou-vos instruções para que saibais como agir diante de mim, e seja isso para a vossa salvação". (D&C 82:9.)

Todos os mandamentos do Senhor são orientações para alcançarmos progresso espiritual. Todos requerem obediência, e a medida de nossa obediência é a medida da bênção conseqüente. Dar, servir, amar, compreender, ser altruísta e caridoso, ser honesto e casto — tudo isso tem conseqüências espirituais. Guardar a Palavra de Sabedoria, pagar o dízimo, jejuar, orar sempre — nos colocam numa posição em que as coisas do Espírito podem fluir para nós e nutrir-nos sem meios compulsórios.

Quando comparecemos às nossas reuniões com um coração justo, damos força e recebemos força dos outros. Quando estudamos fervorosamente as escrituras, ultrapassamos os limites do tempo e do espaço e aprendemos com os testemunhos e experiência daqueles que se foram antes de nós. E quando nos qualificamos, recebemos nossas ordenanças e fazemos nossos convênios nos templos sagrados do Senhor, colocamo-nos numa linha direta de segurança, poder e força espiritual. Mas é preciso que desejemos fazer essas coisas; elas não podem ser realizadas para nós. Nossos antepassados pioneiros viviam no espírito, e registraram suas experiências. Nós, também, podemos fazer o mesmo. □

De um discurso devocional proferido na Universidade Brigham Young, em 23 de julho de 1985.

Sentados juntos, rodeados por um doce sentimento de intimidade e união, vimos e sentimos o espírito de nosso filho que estava prestes a nascer.

SIM, SOU MÓRMON

David K. Skidmore

No verão de 1973, continuando ainda a guerra no sudeste da Ásia, fui designado pela Força Aérea dos Estados Unidos, para uma base na Tailândia. Deixar minha mulher e meus dois filhos pequenos naquele dia, foi a coisa mais difícil que já fizera em minha vida. Somente a segurança recebida numa bênção de meu pai, é que me deu coragem para voltar-me e caminhar para o avião que me esperava. Na bênção, ele me prometera que eu "não seria forçado a participar de quaisquer atividades ilegais", e que seria conservado "limpo para voltar para minha família".

Ilustração de Richard D. Hull

Após alguns dias numa escola de sobrevivência na floresta, nas Filipinas, segui para meu destino final, na Tailândia, como navegador e oficial de sistemas de armas de um esquadrão de combate. Eu estava decidido a realizar bem o meu trabalho e fazer o ano passar o mais rapidamente possível.

Na noite de minha chegada, os outros membros do esquadrão regressaram de suas missões de bombardeio, e logo fui convidado a celebrar com eles sua volta em segurança. Foi com alguma apreensão que entrei na sala para conhecer aqueles que seriam a minha "família" durante os próximos doze meses. A festa estava no auge. Delicadamente recusei uma bebida alcoólica, peguei um refrigerante e tentei esconder-me numa conversa tranqüila, cercado pelo barulho da música e envolto por espessa nuvem de fumaça de cigarro.

Fui apresentado aos outros e, eventualmente, acabei junto ao balcão do bar com o comandante do esquadrão, um coronel. Com o braço em volta do meu pescoço, eu era uma audiência ideal, ouvindo suas histórias sobre aviões, aventuras ousadas e companheiros do passado.

A um dado sinal, os homens se reuniram ao redor do bar. A música foi desligada e todos ficaram silenciosos. Uma tradição diária estava prestes a começar. Serviram a todos um pequeno drink muito forte, uma fatia de limão e um pouco de sal. Quando vieram servir-me, eu disse baixo, tentando ser casual: — Não, obrigado, prefiro este refrigerante.

— Mas esta é uma tradição de nosso esquadrão — disse o homem.

Pensamentos atravessaram voando a minha mente: "Por que eu? Por que diante de todo o esquadrão? Por que logo na primeira noite?" Tentando soar confiante, expliquei que não bebia álcool, mas que participaria com minha soda limonada.

Ao som das minhas palavras, o silêncio se fez mais profundo, e então o braço do comandante retesou-se em meu pescoço: — Tenente — disse ele, — estou-lhe ordenando que tome esta bebida. Você vai bebê-la nem que eu tenha que obrigá-lo.

Pensei até onde poderia chegar, se tentasse lutar. Imaginei os resultados, e uma desagradável visita ao oficial superior, solicitando mudança para outro esquadrão. Novamente perguntei-me: "Por que eu?" Oh, como desejava estar em casa, a doze mil quilômetros de distância, do outro lado do oceano! Então lembrei-me da promessa de meu pai, uma semana atrás. Reuni toda minha coragem, naqueles segundos de espera silenciosa, e disse: — Sinto muito, senhor, não vou beber álcool.

Uma carga elétrica permeou o ar. Orei com todo meu coração: "Pai Celestial, ajuda-me a passar esta noite."

O coronel afastou-se um pouco e mediu-me com os olhos. Então replicou: — Você *vai* beber isto...

Eu orei.

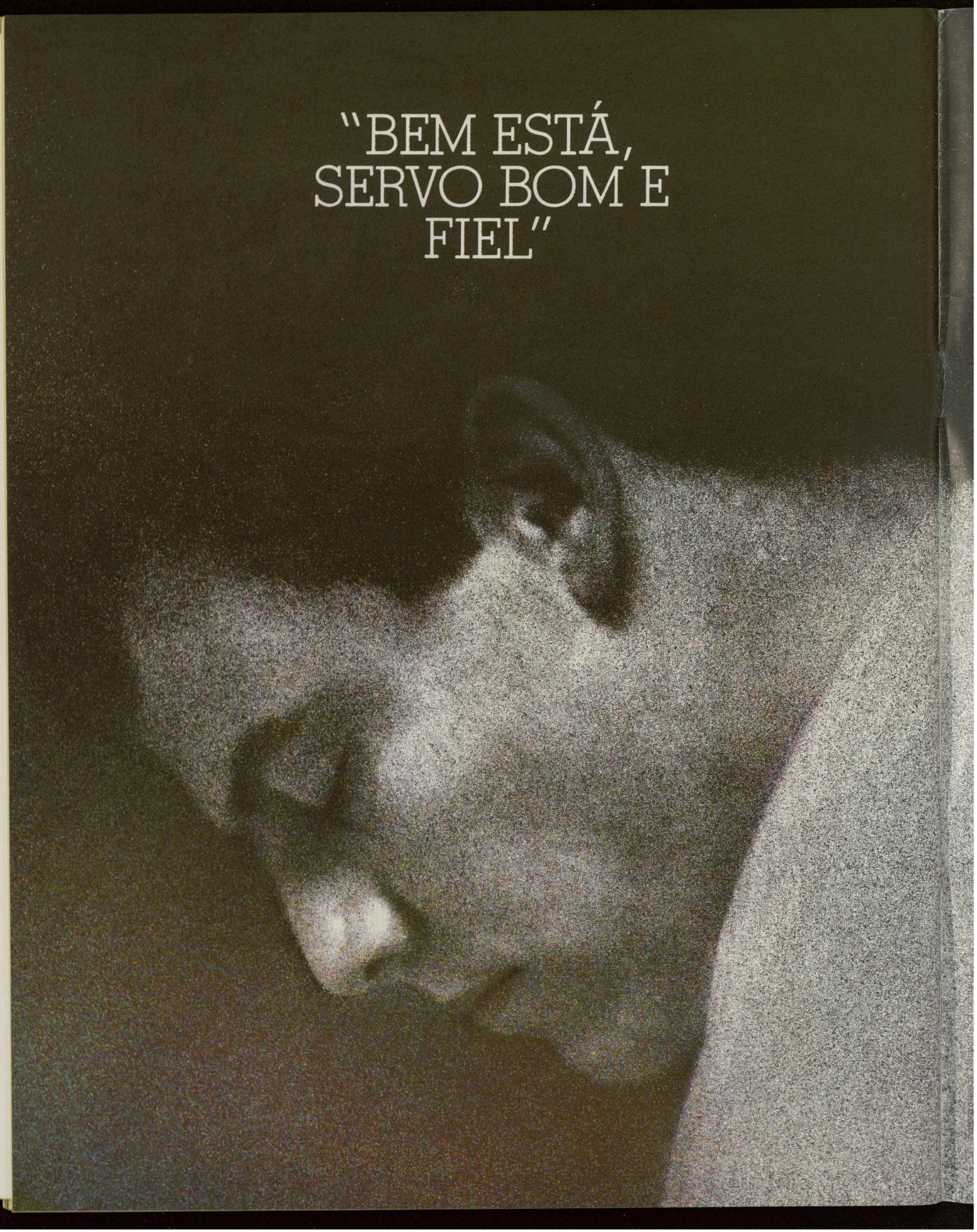
Então ele acrescentou: — ...a menos que seja mórmon.

Que alívio encheu a minha alma! Naturalmente eu era mórmon. Por que não o mencionara antes? Tinha vergonha de meus motivos para não beber? Não acreditava que Deus, em sua sabedoria, havia dado aquele mandamento? Respondi: — Sim, eu sou mórmon.

Ele me inquiriu novamente, a fim de certificar-se de que eu não estava simplesmente fingindo ser mórmon. E então ordenou: "Um refrigerante para este homem."

Quando orei mais tarde, naquela noite, agradeci a meu Pai Celestial pela lição que havia aprendido tão longe de casa. Agradeci-lhe por um pai terreno inspirado para abençoar seu filho. Senti-me grato por minhas convicções serem conhecidas de todos, e porque, nos próximos doze meses, o esquadrão inteiro faria com que eu permanecesse leal a meus compromissos. Senti-me grato porque, em algum lugar, outros santos dos últimos dias não haviam tido medo de dizer ao coronel *por que* viviam uma vida limpa. Foi aí, então, que prometi jamais hesitar em dizer: "*Sou* mórmon." □

"BEM ESTÁ, SERVO BOM E FIEL"



Esnil Acosta

Foi uma conferência de missão especial: nosso presidente ia ser desobrigado, e estava compartilhando seu testemunho conosco pela última vez.

Sentimo-nos um pouco tristes por ter que nos despedir daquele homem. Ele trabalhara arduamente para cumprir a vontade do Senhor, e os anos já lhe pesavam; mas, apesar de seu cansaço, falou com grande confiança e entusiasmo.

Em seu discurso, contou-nos uma história que, desde aí, tem-me feito refletir muitas vezes a respeito de meu serviço na Igreja. Disse que, quando voltava de uma conferência na cidade de Salto, no Uruguai, começou a pensar se havia feito tudo o que o Senhor desejava que fizesse.

Enquanto meditava, subitamente sentiu como se o Senhor houvesse colocado a mão sobre seu ombro, dizendo-lhe: "Meu filho, fizeste tudo o que eu te ordenei. Volta para casa em paz; foste fiel e estou contente com teu trabalho." Isto lhe trouxe grande alívio e alegria, pois estava preocupado quanto à sua situação diante de Deus.

Após uma pausa, continuou: "Os melhores missionários não são aqueles que conseguem um grande número de batismos, ou que deram o maior número de palestras, ou que conhecem mais profundamente a doutrina; os melhores missionários são aqueles que, quando terminam sua missão, sentem como se o Senhor colocasse a mão em seu ombro, dizendo: "Meu filho, fizeste tudo o que te ordenei. Estou contente com o teu trabalho.""

Algumas semanas depois, tivemos outra conferência, desta vez com o novo presidente de missão, o Élder Gene R. Cook. Em minha entrevista com ele, disse-me sentir que eu tinha um bom espírito, e que Deus esperava muito de mim. Disse também que sabia que eu poderia fazer ainda mais, e ser um missionário melhor.

Refleti profundamente sobre suas palavras, e sobre aquelas proferidas por nosso antigo presidente de missão. Busquei a inspiração do Espírito, e disse ao Senhor que trabalharia com afinco durante o resto de minha missão, para levar almas a ele. Dediquei meus esforços ao cumprimento da missão que Deus me oferecera. Trabalhei duramente. Mesmo assim, quando minha missão estava chegando ao fim, ainda não sentira aquilo que o meu primeiro presidente de missão experimentara: a confirmação de Deus de que meu trabalho fora aceito.

Continuei a trabalhar muito, e no último dia de minha missão — nosso dia de preparação — meu companheiro e eu batizamos uma família jovem, muito especial.

Quando voltei à casa da missão em Montevidéu, o Presidente Cook entrevistou-me pela última vez. Depois de orarmos juntos, perguntou-me se havia alguma coisa que eu desejava discutir com ele.

Pensei um pouco, mas decidi não importuná-lo com meu desejo de receber do Senhor a confirmação de que meu trabalho fora aceito. Então, como se lesse meus pensamentos, olhou-me bem nos olhos e afirmou: "Élder Acosta, o Espírito me diz que o Senhor está satisfeito com você por causa de seu trabalho, e sinto que você pode voltar para casa com esta certeza. Percebo que isto o está perturbando."

Com lágrimas nos olhos, confirmei-lhe que aquilo me estava preocupando, mas que agora voltaria para casa feliz, sabendo que o Senhor estava contente com minha obra missionária. Senti uma grande paz interior, confirmando o que ele dissera.

Passaram-se muitos anos desde aquele dia, e contei essas experiências muitas vezes, para que outros entendessem que podemos receber a aprovação do Senhor em nosso trabalho. Acredito que tais sentimentos nos permitem avaliar nossos esforços, determinar se estamos fazendo o que é certo e corrigir nossos erros, continuando, assim, a progredir em nossa vida.

Talvez Paulo tenha sentido algo semelhante quando disse: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor justo juiz, me dará naquele dia." (II Timóteo 4:7-8.)

Que possamos viver de modo que apreciemos o dia em que o Senhor puder dizer-nos: "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor." (Mateus 25:21.)